



A trajetória

Vitória Ferreira



Capítulo 01

Memórias de dois indigentes

Aquela noite ficaria na lembrança deles.

Como pode um lugar daqueles, um pardieiro daqueles, se auto-intitular instituição de caridade? Isso é ironia.

Numa propriedade rural nos arredores de Limeira havia um orfanato que abrigava várias crianças. Parecia tudo muito bonito, só que não. As crianças e adolescentes viviam em condições precárias de vida. Alimentação ruim, maus-tratos físicos e verbais, banhos gelados, leitos sujos, e por aí vai. Mas a pior parte era a violência que todos sofriam. As “tias” eram pessoas nefastas. O pesadelo.

Sabrina e Orlando tinham quatorze anos de idade, eram amigos, e moravam na instituição. Eles estavam revoltados com aquela situação. Inúmeras vezes eles foram castigados por questionar, contestar e por entrar em defesa de seus companheiros de instituição. Nisso de idealismo, de contestar, de ficar de castigo e tudo mais, foi que se deu início a amizade deles. Dois idealistas que deram certo como amigos.

Depois de muito presenciar cenas de agressão, tanto Sabrina quanto Orlando estavam saturados.

Numa tarde dessas, os dois se encontravam conversando debaixo das árvores.

- Eu não suporto esse lugar. – disse Sabrina.

- Sinceramente, eu acho uma sacanagem o que elas estão fazendo agora. Tipo, daí se completa quatorze anos de idade, e as “tias” nos proíbem de ir à escola. Elas pensam que tendo apenas o ensino fundamental já é o suficiente, e querem nos obrigar a trabalhar para elas. Segundo elas, não precisamos estudar mais nada. – disse Orlando.

- Elas não querem que nos tornemos seres pensantes. E também, elas planejam nos colocar para trabalhar. Resumo da ópera, isso tudo faz parte do plano diabólico delas, que também inclui alimentação ruim, aqueles banhos gelados torturantes, aquelas camas desconfortáveis, as surras e os castigos. – disse Sabrina.

- Sabrina, vamos fugir. Hoje à noite. – disse Orlando.

- Oi? – disse Sabrina.

- Isso mesmo. Tive um rompante agora mesmo. Vamos fugir hoje à noite. Essa situação está

insustentável. Ir para bem distante dessa cidade, para não sermos localizados. – disse Orlando.

- Quer saber? Fiquei tomada por esse rompante também. Deu até um friozinho na barriga agora. Isso é excitante. A ideia de fugir me excita. Nem que seja para morar nas ruas. Por mais racional que eu seja, por mais que eu saiba que fugir e morar debaixo da marquise não tem nada de aventura e de romântico, eu imagino que qualquer coisa seria melhor do que o que estamos passando agora. – disse Sabrina.

- Hoje, às dez da noite. – disse Orlando.

- Segredo de estado. – disse Sabrina.

Tinha tudo para ser um segredo de estado. Mal sabiam eles que seriam surpreendidos mais para frente.

No restante do dia, Orlando e Sabrina se contiveram ao máximo para não dar bandeira do que eles pretendiam fazer. Agiram normalmente, e realmente não levantaram suspeitas.

À noite, estavam todos deitados para dormir. E todos iam caindo no sono. Com exceção de umas pessoinhas aí. Quando a ocasião estava propícia, Sabrina e Orlando levantaram-se de suas camas com suas respectivas mochilas e eles caminharam ao melhor estilo “sapatinho de algodão” em direção à saída. Seria tão

conveniente sair pela janela do quarto, se a mesma não possuísse grades.

Ambos sentiam um misto de medo, ansiedade, felicidade e esperança. O que geralmente se chama de turbilhão de emoções. Estava dando tudo certo, eles realmente conseguiriam fugir.

Mas quando eles chegaram lá, quando eles conseguiram pegar a chave sem que ninguém percebesse, quando eles abriram a porta, a surpresa bombástica. Uma emboscada previamente preparada.

- Acharam que enganariam a quem mesmo? – disse uma das “tias”, que os esperava do lado de fora, porque algum X9 entregou os fugitivos.

E não era só ela. Tinha mais, para servir de reforços e impedir que os fugitivos saíssem. Mas Sabrina e Orlando não se deram por vencidos. Não se acovardaram, e resistiram para fugir. Mas foram barrados.

- Mas não vão mesmo. – disse uma das “tias”.

- Eu queria saber quem foi o informante. – disse Sabrina.

- Você quis dizer a informante. – disse Orlando.

E parada, lá estava Francina assistindo a tudo, com um sorrisinho de canto de boca. Se voltarmos a fita,

voltando àquela hora em que Sabrina e Orlando planejaram fugir. Analisando a cena, e prestando atenção nos mínimos detalhes, seria possível encontrar dois olhos observadores em cima da árvore. Era a Francina. Essa menina era filha de uma das mulheres que trabalhavam na instituição. Herdou geneticamente a vilania de sua mãe. Francina tinha prazer em prejudicar as crianças e adolescentes da instituição. O que ela mais gostava de fazer era dedurar os outros. Era um prazer e um passatempo para ela. Ela sentia-se a superior, e possuía um espírito de rica. Ela e sua família nem tinham essa grana toda. Viviam uma vida confortável e normal de classe média, mas não eram ricos.

Mas voltando à cena da fuga, lá estava Francina a se deleitar com aquilo. As malvadas da instituição tentaram impedir a fuga, segurando os dois fujões. Sabrina e Orlando não se deram por vencidos e tentavam se soltar. Rolou até luta corporal. Até que eles conseguiram se soltar. Então eles saíram correndo porta afora, correndo como maratonistas em plena São Silvestre, para dar o fora dos limites da propriedade. As “tias” saíram logo atrás, para os perseguir. Na porta, estava Francina assistindo tudo de camarote.

- Não solta da minha mão, nós vamos conseguir. – disse Orlando.

Eles criaram uma velocidade descomunal, foi uma coisa daquelas que só acontecem uma vez na vida. Eles pularam a cerca de madeira e correram mais ainda. Estava escuro, e eles adentraram numa mata para despistar as “tias” do orfanato.

O caminho foi longo. Eles fugiram para bem longe daquele lugar. Saíram de Limeira e foram para Americana.

Depois daquela noite marcante, Orlando e Sabrina foram viver como moradores de rua. Por mais dura que fosse a vida na rua, aquilo era melhor do que eles estavam passando na instituição. Mas ninguém disse que foi fácil. Pedacos de marquise eram disputados a tapa, aquilo era como se fosse casa. Cada um tinha a sua e não podia pegar a do outro. Especulação imobiliária. Eles também passavam fome. Tinham que procurar nos lixos (as lixeiras dos fundos dos restaurantes eram locais propícios para se encontrar comida). Eles tinham que pedir esmola, mas não podiam contar com isso sempre. Se eles tivessem um violão em mãos e também se eles não estivessem tão sujos e molambentos, dava para faturar uma bela de uma grana com aquele lance de colocar o chapéu no chão, cantar e tocar para as pessoas passarem e colocarem o dinheiro lá. Outro desafio enfrentado, era o preconceito e a marginalização. Eles eram vistos como a poluição de uma cidade. Estavam no

mesmo nível dos pombos e dos ratos. E isso era lamentável.

Orlando e Sabrina se mantiveram unidos e se ajudando até quando puderam. Pois o destino infelizmente os colocou em direções opostas.

Sabrina foi parar no reformatório sob a acusação de roubo, onde lá permaneceu dos quinze aos dezoito anos de idade. Visto que ela não tinha como contratar um advogado, ela ficou reclusa. Orlando continuou sendo morador de rua. Nenhum dos dois tiveram coragem suficiente para denunciar a instituição de onde fugiram. Para quê? A palavra deles seria mesmo levada a sério? Acreditariam neles? E se acreditassem, como seria o depois? Transferidos para outra instituição do mesmo cacife? Ou ainda cada um ir para um canto? Sofrer novamente? Por isso viveram na rua, preferiram o silêncio, pois estavam em um estado permanente de defensiva. Agora deu no que deu. Cada um foi para um canto mesmo. Sozinhos no mundo, agora sozinhos como indivíduos, como uma ilha em forma de ser humano, porque um não tem mais o outro para se apoiarem.

Para cada um deles, tudo consistia em memórias. Ora amargas, ora doces. Porém vãs memórias. Nada além disso.

Capítulo 02

O recomeçar

Quando Sabrina saiu do reformatório aos dezoito anos, ela decidiu que não faria mais das ruas a sua casa. Isso só lhe acarretou dores de cabeça.

Um ano se passou. Sabrina se encontrava em um vilarejo no interior de São Paulo. Esse vilarejo tinha por nome Reduto. Lá, ela teve a oportunidade de realmente começar de novo com dignidade. Conheceu pessoas que a ajudaram, começou a trabalhar e teve oportunidade de fazer um curso gratuito de auxiliar de enfermagem.

Sabrina, agora com dezenove anos de idade, vivia uma vida bem simples no interior, porém com dignidade. Trabalhava como auxiliar de enfermagem e também como parteira quando necessário. As pessoas confiavam nela para tal prática. Muitos dos filhos daquela terra e cercanias vieram através de suas mãos. Mesmo muito jovem, ela era a autoridade nesse assunto. Sabrina sonhava em prosseguir além com seus estudos. Ela fez o auxiliar de enfermagem, mas ainda só tinha o ensino fundamental. Ela tinha como metas fazer o supletivo do ensino médio, e depois entrar para a faculdade. O objetivo era cursar Enfermagem e fazer pós-graduação em Obstetrícia.

Desafios à parte, Sabrina estava vivendo tranquilamente, mas volta e meia ela se lembrava dos fantasmas do passado. Afinal, traumas são traumas. Às vezes essas lembranças vinham em forma de pesadelos noturnos, onde ela acordava assustada e com respiração ofegante. Lembrava dos maus tratos na instituição, das dificuldades na rua, do período em que permaneceu no reformatório injustamente. Tinha sido por furto famélico, mas quem disse que as autoridades acreditaram que se tratava de furto famélico? Na verdade aconteceu o seguinte. Sabrina havia entrado em um mercadinho e no desespero da fome e da miséria, ela furtou alguma coisa de comer. Por pura necessidade de sobrevivência, o que configura furto famélico. Mas o dono da loja era safado e acusou Sabrina de roubo, dizendo que ela havia roubado a loja e havia feito ameaças. A palavra do comerciante contra a palavra de uma moradora de rua. Advinha em quem a polícia acreditou. Reclusão na mesma. Dos males o menor, pelo menos ela não sofreu violência lá, se alimentava direito e aprendeu a tocar violão.

Outra pessoinha em questão, que Sabrina se lembrava todo dia, era o Orlando. Por onde andava essa criatura? Será que virou gente? Mudou de vida? Há essas horas, ele devia ter uns dezenove anos, assim como Sabrina. Ou será que morreu? Mas em virtude dos fatos mencionados, o destino os colocou em direções opostas. E pelo que tudo indicava, provavelmente eles não se

A trajetória

veriam mais. Nunca mais. Orlando provavelmente pode ter morrido. Um mendigo precisaria ter muita sorte para ter vida longa. A cidade grande para um indigente era cercada de perigos. Um morador de rua ficava exposto a muitas situações de risco. Sabrina nem criava esperanças de reencontrar seu amigo. Era melhor esquecer e não criar expectativas.

Capítulo 03

Hoje teremos fortes emoções

Numa manhã, bem cedo, Sabrina iria viajar para Americana para resolver umas tretas, comprar umas coisas e passear um pouco. Ver gente, ver carro, ver coisa bonita. Americana era a cidade referência para o vilarejo de Reduto, era lá que estava os recursos, o grande centro para compras e lazer.

Lá, ela resolveu tudo o que tinha para resolver, comprou o que precisava e no momento ela iria parar para fazer um lanche, pois toda aquela andada na cidade deu uma fome.

Sabrina passava por uma praça. E um morador de rua chegou até ela. Ela, que estava distraída em seus pensamentos, levou um susto.

- Calma, eu não vou te machucar. Eu preciso de uma esmola. Nem que for dez centavos. – disse ele.

Sabrina ficou comovida, pois se lembrou dos seus tempos bicudos morando na rua.

- Eu me comovo com essas coisas. Mas espero de coração que você não gaste com bebida. É para comer. – disse Sabrina.

Ela ia pegar uns trocados para dar pro rapaz. Quando...

- Não acredito! Sabrina! É você! – disse ele.

- Vem cá, eu te conheço? – disse Sabrina.

- Você não está me reconhecendo? – perguntou ele.

- Orlando?! – exclamou Sabrina, muito surpresa e boquiaberta.

O morador de rua em questão, se tratava de Orlando.

- Você ainda existe! Deus, isso é incrível. Pensei que nunca mais veria você. Que emoção, me dá um abraço. – disse Sabrina.

- Péssima ideia. Olha para o meu estado. – disse Orlando.

- Meu querido, eu não tenho dessas frescuras não. Larga de ser besta e me abraça logo. – disse Sabrina.

E então, o emocionante reencontro. Rolou até um suor hétero nos olhos.

- O momento mais difícil para mim foi quando você foi levada para o reformatório. Fiquei totalmente sem apoio. – disse Orlando.

- Foi difícil para mim. Mais difícil ainda foi a ideia de que eu nunca mais pudesse te ver. – disse Sabrina

- E você está linda. Conseguiu refazer a vida? - perguntou Orlando.

- Eu estou trabalhando como auxiliar de enfermagem. Eu moro no Reduto. Assim que saí do reformatório, decidi recomeçar no interior para ter mais tranquilidade enquanto eu refaço a minha vida. Precisamos trocar as novidades depois de anos. Já sei, vamos fazer o seguinte. Eu vou te levar para comer alguma coisa. Por minha conta. Daí a gente conversa. – disse Sabrina.

- Fico até constrangido com isso de uma mulher pagar a conta. – disse Orlando.

- Eu acho que você não está em condições de agir como um orgulhoso. Vem logo. – disse Sabrina.

Os dois foram comer sanduíche com refrigerante. E ficaram conversando, falando sobre o rumo que cada um tomou na vida.

- Quando me apercebi, estava eu no fundo do poço. Sem apoio, sem rumo definido, na defensiva, totalmente desmotivado. E lá se vão quase cinco anos morando na rua. – disse Orlando.

- Realmente complicado. Passei três anos no reformatório. Quando eu saí de lá, acabei parando lá em Reduto. Comecei trabalhando lá ,e quando surgiu a oportunidade de um curso gratuito de auxiliar de enfermagem, eu já entrei de imediato. Moro na minha casinha em Reduto, tenho o meu trabalho, também sou parteira quando necessário. E assim estou refazendo a minha vida. Lógico que não vou me acomodar. Vou fazer o ensino médio, e depois estudar para o vestibular para Enfermagem. – disse Sabrina.

- Muito bem. Você não se deixou vencer pelas dificuldades e conseguiu se reerguer. Pena que eu não tive a mesma oportunidade. – disse Orlando.

- Eu vou ajudar você. Orlando, você vem comigo. Você precisa se reerguer, resgatar a sua dignidade. Nós somos amigos, e eu vou ajudar você. Não quero nem saber. Você vai comigo para Reduto. Vai ficar na minha casa. – disse Sabrina.

- Você faria isso por mim? – disse Orlando.

- Evidente. Somos companheiros de batalha, desde os tempos de instituição. Nunca na galáxia que eu ia te deixar desamparado. – disse Sabrina.

- Muito obrigado. Sinceramente, não faço a menor ideia de como demonstrar minha gratidão. – disse Orlando.

- Tendo força de vontade para refazer a sua vida e acreditar no seu potencial já é o suficiente. – disse Sabrina.

Então Sabrina e Orlando foram juntos para o Reduto. Passaram a viagem toda conversando depois de anos. Algum tempo depois, o ônibus chegou em Reduto.

- Seja bem vindo ao meu vilarejo. – disse Sabrina.

- Esse vilarejo é muito bonito. Tem cara de ser agradável. – disse Orlando.

- A vida aqui é bastante calma. Interior, sabe como é. – disse Sabrina.

Então os dois finalmente chegaram a casa de Sabrina.

- Meu recanto. O lugar onde eu me escondo. – disse Sabrina.

- Bonita casa. – disse Orlando.

- São seus olhos. – disse Sabrina.

Eles entraram, e Sabrina deu as coordenadas.

- Agora que eu já mostrei a casa, fique à vontade. Tome um banho, faça a barba e vista roupa limpa. Você vai ficar naquele quarto. – disse Sabrina.

E assim foi. Depois de sabe-se lá quanto tempo sem chegar perto de um chuveiro, Orlando tomou um banho bem demorado para tirar as impurezas. Enquanto isso, Sabrina estava colocando a mesa do almoço. Tudo pronto, era esperar.

Quando Orlando saiu do banho, parecia literalmente uma pessoa totalmente diferente. Irreconhecível. Bonito, cheiroso, apresentável, fez a barba. Chega rolou uma atração ali. Sabrina até tinha se esquecido do quanto ele era bonito.

- Orlando, você está um gato. – disse Sabrina.

- Obrigado. Banhos fazem toda a diferença. – disse Orlando.

- Vem almoçar. – disse Sabrina.

Os dois sentaram-se à mesa e começaram a comer.

- Durante esse ínterim, você nunca teve coragem de denunciar a instituição? – perguntou Sabrina.

- Tive receio. E se me mandassem para outra instituição daquele mesmo nível? Seria seis por meia dúzia. Ou e se não acreditassem em mim? Aos quatorze, quinze anos, eu era inconsequente. Preferi a liberdade. Também acabei me acomodando naquela situação. As pessoas sempre dizem que os moradores de rua são

todos uns vagabundos. Mas o negócio é mais sério. Em cinco anos de vivência como indigente, eu aprendi por experiência própria e observando as experiências dos outros indigentes que os moradores de rua não estão lá porque gostam de estar. As pessoas perguntam. Muitos deles são fortes, saudáveis, têm condições de trabalhar, então porque ficam lá morando na rua e pedindo esmolas? O fato é que depois que a pessoa já está inserida naquela situação, a autoestima desce de tal maneira, aliás, evapora. Você não se sente mais capaz de nada. Você se acomoda naquela situação, e acaba se acostumando àquilo. A coisa mais decadente para um ser humano é se acostumar. Outros moradores de rua acabaram nessa situação em virtude do alcoolismo ou dependência química. No meu caso, eu estava traumatizado. Tive medo de denunciar. Tive medo de colocar em cheque a minha liberdade. Eu era menor de idade, sozinho no mundo, eu fiquei totalmente na defensiva. Preferi passar todos esses apertos a permanecer na instituição sofrendo maus tratos. – disse Orlando.

- Nossa, Orlando. Tudo isso daria um estudo antropológico, um documentário, ou algo relacionado. É um tema muito interessante. Mas voltando ao assunto, eu também não me preocupei em denunciar a instituição. Primeiro porque eu já estava bem longe de lá. Saí do reformatório com a pretensão de recomeçar a minha vida.

Decidi pensar só em mim. E até porque, eu nem sei como tudo aquilo lá está hoje em dia. Não sei se os maus-tratos continuam, não sei se tudo lá melhorou, não sei se a administração mudou. No meu caso não foi nem mais por medo de denunciar, e sim porque havia coisas que eu julgava ser mais importante para a minha vida. Mas já que entramos nessa questão, qualquer dia desses, poderíamos ir até lá para sondar. Se for constatado que os maus-tratos ainda ocorrem, não hesitaremos em denunciar. – disse Sabrina.

Orlando era um excelente hóspede. Benjamim Franklin dizia que os hóspedes são iguais aos peixes, depois de três dias começa a apresentar odor desagradável. Mas esse ditado não se aplicava a Orlando. Tipo, Sabrina já iria colocar as regras da casa, e falar que ele precisava ajudar nas tarefas domésticas. Sim, pois apesar de serem amigos e ela ter dado guarida a ele, ele também precisava fazer a sua parte e colaborar em casa, porque aquilo não era hotel. Mas nem precisou ela falar nada. Orlando foi proativo. Ele estava ajudando muito bem. Era uma pessoa bastante organizada, não era um espaçoso folgado, ele ajudava nas tarefas domésticas. Quando Sabrina voltava do trabalho, a casa estava toda arrumada.

Capítulo 04

Uma nova criatura

Vilarejo pequeno, fofocas correm em tempo recorde. Estava todo mundo sabendo que Sabrina colocou um morador de rua dentro da casa dela. As más línguas questionavam, inventavam histórias. Imaginavam inúmeras coisas que supostamente poderiam estar acontecendo. Ah, a imaginação do povo é tão fértil! Outros já pensavam: “Que diabos a Sabrina quer com um mendigo?”, ou “O que ela viu nele? Tantos bons partidos, e ela vai se interessar logo em um mendigo”.

Sabrina estava ciente das fofocas. Mas até ria de algumas delas. Com seus amigos e colegas mais próximos, ela esclareceu tudo. Explicou que ela já conhecia o Orlando, que eram do mesmo orfanato, que fugiram de lá e viveram juntos na rua por um tempo, e depois o destino os separou e que agora anos depois, eles se reencontraram por coincidência. E como eram melhores amigos, ela não podia deixá-lo desamparado, por isso ofereceu guarida a ele. E por mais que o povo pensava coisas, Sabrina e Orlando eram só amigos e apenas dividiam a casa. Era cada um no seu quarto, para ficar bem claro. E tudo se esclareceu. Pararam-se as fofocas. Mas que eles formavam um caszinho lindo e que todos concordavam, isso era verdade. Podia rolar um

romance ali. Não tinha aquela coisa pegajosa e ridícula de maninho e maninha. Eles eram amigos sim, mas nada impedia um possível romance. Com eles não tinha essa frescura de friendzone.

Orlando, fora das ruas, pretendia resgatar sua dignidade. E Sabrina iria o ajudar nessa missão. Para começo de conversa, ele começaria a trabalhar. E tudo pareceu tão propício. Na unidade de saúde onde Sabrina trabalhava, eles estavam precisando de digitador. Orlando adquirira noções de informática nos tempos em que ia a escola. Emprego já era dele. Sabrina e Orlando ainda tinham certa sorte. Só trabalhavam duas vezes na semana, visto que a unidade de saúde só funcionava dois dias na semana porque eram os dias em que o médico, o odontólogo e a enfermeira vindos de Iracemápolis iam atender lá. Às vezes, Sabrina fazia umas horas extras, caso alguém se machucasse fora do dia e horário de atendimento, ela estava lá para fazer curativo.

Próximo passo, voltar para a escola. Sabrina também voltaria para a escola. Os dois precisavam fazer o supletivo do Ensino Médio. Então eles se matricularam, e logo começariam a estudar.

- Finalmente eu vou voltar para a escola. – disse Orlando.

- Eu também. Sabe, Orlando, eu confesso que o Ensino Médio era o que faltava para restaurar minha

autoestima. Minha vida pode até ter melhorado um pouco, mas para mim os estudos são imprescindíveis. Para me melhorar como pessoa, para me fazer sentir inteligente de verdade, enfim. Confesso que até então eu me sentia inferior por não ter o Ensino Médio. – disse Sabrina.

- Mas você já é inteligente. O fato de você ainda não ter feito o ensino médio não define nada. Lógico que é preciso estudar e se melhorar, mas o fato de a pessoa ter interrompido os estudos por motivos de força maior nem sempre significa que ela seja burra. Você é inteligente. Por mais que as circunstâncias da vida tenham te tirado a chance de prosseguir com os estudos, você não se conformou. Você fez um curso, começou a trabalhar, e também eu vejo você lendo, pesquisando sobre os termos técnicos, pesquisando sobre Obstetrícia. E o fato de você buscar se melhorar e também da vontade que você tem de voltar a estudar, tudo isso prova que você é um gênio. – disse Orlando.

- Obrigada, Orlando. Você é um amor de pessoa. – disse Sabrina.

Então, Sabrina e Orlando voltaram para a escola. Eles estudariam a noite no supletivo.

E assim ocorriam as melhoras como pessoas. Sabrina e Orlando eram ambiciosos, sonhavam alto e pensavam grande.

High School Reduto

Ah, o Ensino Médio. Época maravilhosa de nossas vidas. Tudo de bom. Mesmo sendo um supletivo, para Sabrina e Orlando estava sendo o máximo. Aprender uma série de coisas novas, mostrar o conhecimento nas que já se domina, cativar a admiração do corpo docente, fazer amigos, se divertir muito, rir bastante, estudar bastante. Muito bom.

Aula de português. Tema da noite, cacofonia.

- Quem de vocês sabe o que é cacofonia? – perguntou a professora.

Orlando levantou a mão. Sabrina também sabia da resposta, mas deixou para ele falar.

- É um vício de linguagem onde se forma sons desagradáveis formados pela combinação do final de uma palavra com o início da seguinte. Que muitas vezes, ao serem pronunciadas podem dar um sentido ridículo. – disse Orlando.

- Muito bem, Orlando. Parabéns, é isso mesmo. Com certeza vocês já viram casos assim, mas não sabiam que havia nome para isso e nem que se tratava

de cacofonia. Agora eu quero exemplos. Alguém se habilita? – disse a professora.

Silêncio total. Vamos até colocar um efeito sonoro de uns grilos cantando. Então Sabrina, perdeu a vergonha e levantou a mão.

- Pode falar, Sabrina. – disse a professora.

- Aqui alguns exemplos. *Ele beijou a boca dela; Uma mão lava a outra; Alma minha; Essa fada; Ela tinha; Vou-me já que já está pingando; Ela não é mulher que se disputa; Havia dado; Vara de tocar gado.* – disse Sabrina, rindo. A sala inteira começou a rir, porque era engraçado.

- Excelentes exemplos! – disse a professora.

- Essa do “tô cagado” é melhor de todas. Impagável. Vou rir disso por uma semana. – disse Orlando, rindo.

- A do viado também é engraçada. “*Havia dado*” seria uma pessoa que está no meio termo entre ser Coca ou Fanta. – disse Sabrina, rindo.

- E essa da disputa também é perigosíssima. Portanto, caros alunos. No processo de produção de um texto, fujam da cacofonia. – disse a professora.

A trajetória

Aquela aula foi pura comédia. Eles aprenderam coisas novas e ainda de quebra teve o lado do humor e da descontração. A união do útil ao agradável.

Capítulo 06

A professora megera

No colégio tudo ia bem. Mas tinha uma professora lá que era pinta brava. Seu nome era Isaura. Uma pessoa mal-amada, mal-humorada, autoritária ao extremo, se achava o último refrigerante do deserto, uma pessoa difícil, mal educada, bruta, ríspida e ignorante. E pra completar, usava todo dia a mesma calça. Era uma calça branca, com uma mancha que não saía nem a pau Juvenal. Às vezes, bem raramente, ela alternava com outra calça preta. Mas era assim. E todo mundo percebia que ela não mudava de calça.

Ela gostava de pegar no pé mais de certas pessoas em específicos. Sabrina, Maria da Conceição e Orlando. A Maria da Conceição trabalhava na Unidade de Saúde juntamente com Sabrina e Orlando, e também estudava na mesma turma que eles. Logo, ficou um trio de amigos. Mas voltando ao assunto, a professora Isaura pegava no pé dos três pelo fato de que por eles serem todos certinhos, da moral ilibada, esforçados e estudiosos, muitas vezes sabendo das coisas mais do que ela própria que era professora, Isaura se sentia ameaçada. E sobre Maria da Conceição, havia mais um motivo em especial para as duas não irem uma com a

cara da outra. Um motivo mais sério, que será revelado daqui a pouco. Segurem a curiosidade, amiguinhos!

Numa agradável noite de vilarejo interiorano paulista, todos estavam lá no colégio. Aula da professora Isaura. As persianas estavam todas fechadas, e aquilo ali estava meio claustrofóbico. Então Orlando teve a ideia de abrir as cortinas. Foi puxar a cordinha da persiana e deu ruim. Quebrou lá, emperrou um negócio. Não causou estragos de grandes, mas um pequenino estrago. Aí pronto, a professora Isaura já fez o maior quiproquó em cima disso.

- Quebra mesmo! Destrua o patrimônio do colégio! Viu o que você fez, seu inteligente. Quero só ver como vai ser. Não tem dinheiro pra nada, é um pé rapado morando de favor na casa dos outros e ex-mendigo. Mas vai ter que ter dinheiro agora para pagar essa persiana. – disse a professora Isaura.

- Não foi de propósito, eu garanto. Isso já estava com problema. – disse Orlando.

- Conta outra, né Orlando! Você quebrou a persiana e vai pagar por ela. Onde já se viu. Não se tem cuidado mais pelas coisas! Isso é vandalismo, isso é terrorismo. – continuou a professora Isaura. Eita mulherzinha cricri.

- Fala com a minha mão, fala! – disse Orlando, que perdeu a paciência.

- Você, Orlando, está expulso da minha aula por me faltar com respeito! Sou bem mais velha do que você e exijo respeito. Você tem dezenove anos, mas é adolescente do mesmo jeito e eu vou te aplicar uma correção! Fora daqui imediatamente! – disse a professora Isaura.

- Com muito prazer. – disse Orlando, pisando duro em direção à porta.

Sabrina então decidiu entrar em defesa de Orlando. E disse:

- Orlando, nem mais um passo! Você fica. Professora Isaura, isso que você está fazendo se chama abuso de poder. E quando eu vejo professores cometendo impropérios dessa natureza, eu faço questão de confrontá-los. O Orlando não quebrou a persiana propositalmente. Isso aí já estava zoadado faz muito tempo. Foi um acidente. Mas o pior de tudo foi o fato de você humilhá-lo dessa maneira, jogando na cara dele que ele não tem dinheiro e que ele já foi morador de rua. Isso é preconceito! Inaceitável. Se você quer saber, eu também já fui moradora de rua no passado! O respeito é bonito e todos merecem. Você é ridícula, Isaura! Ele não vai pagar porcaria nenhuma! – disse Sabrina.

- Meça suas palavras, sua insolente! Ou você vai se dar muito mal! Te passo uma advertência e você abaixa essa bola. – disse a professora Isaura.

- Ah tá, pago pra ver. – disse Sabrina, rindo de deboche.

- Você, Isaura, diz que eu não tenho dinheiro, mas eu acho que na verdade quem não tem é a senhora. Usa todo dia essa mesma calça branca. E de vez em quando você troca e usa a preta. Deve ser quando você está de cartão vermelho. Você não tem vergonha não? Usar a mesma calça todo dia? Então, já que você diz que eu não tenho dinheiro. Você também não deve ter. – disse Orlando. E a sala toda aplaudiu.

- Pelo menos você tem o senso do ridículo em não usar a calça branca naqueles dias. Ô Isaura, não seja porca. Até eu que não tenho lá tantas condições financeiras, eu troco de roupa. Isso é questão de higiene e de imagem pessoal. – disse Sabrina, rindo.

Enfim, foi a maior polêmica. Aquela discussão foi o tempero que a aula precisava para ficar mais interessante.

Na hora do intervalo, Sabrina, Orlando e Maria da Conceição sentaram-se juntos.

- Parabéns, vocês baixaram a bola da Isaura. – disse Maria da Conceição.

- Uma criatura crica dessas precisa tomar um chega pra lá. – disse Sabrina.

- Quando eu falei da calça, ela ficou sem argumento. – disse Orlando.

- Eu gostei foi desse lance do “fala com a minha mão”. – disse Maria da Conceição.

E todos riram.

- Que fique claro que eu não vou pagar nada. – disse Orlando.

- Mas não vai mesmo. Não foi você. – disse Sabrina.

- Essa Isaura é terrível. Nós temos certa rivalidade. – disse Maria da Conceição.

- Já percebi que vocês se estranham. Mas tem algum motivo mais específico? – perguntou Sabrina.

Então Maria da Conceição começou a relatar toda a história.

- Ela roubou meu homem. Não tem o Suíço? Vocês sabem quem é. Então. Ele é meu ex-namorado. A gente já viveu um romance em um passado aí. A gente se dava

muito bem. Mas aí teve um tempo em que eu precisei ficar em Iracemápolis por uns tempos, para resolver uns assuntos. E uma mulher aparece do raio que o parta e vai lá no Suíço inventar que eu andava bebendo cachaça lá em Iracemápolis. Essa mulher inventou que eu ficava de bar em bar e que ela era minha companheira de altas cachaças. Sabendo que eu nunca vi essa mulher na minha vida, e eu nunca coloquei sequer uma gota de álcool na boca. Não gosto dessas coisas. Mas quem disse que o Suíço acreditou em mim? Preferiu acreditar na mentira de uma desconhecida do que na minha verdade. E como o Suíço é todo caxias e certinho, essa mentira abalou nosso relacionamento, então ele terminou comigo. Eu sofri. Foi injustiça. Com o caminho livre, a Isaura aproveitou para chegar junto. O Suíço era o solteiro mais cobiçado aqui em Reduto. Bonito, gringo e ainda por cima trabalhador, aí pronto. Isaura jogou o charme, e o Suíço caiu no encanto da sereia. Mas agora, que depois que o encanto passou, ele está vendo o que é bom para resfriado. Ele está pagando seus pecados com ela. Na minha dinastia, era tudo uma maravilha. Eu cuidava da casa, eu cuidava muito bem do pai dele. Todo dia eu preparava metodicamente o lanche da tarde do senhorzinho. O pai do Suíço gostava de mim, me achava uma excelente nora. Agora a Isaura... ai, ai. Ela não cuida da casa, é tudo um ninho de porco, ela não cuida nem dela mesma. Não tem a menor vaidade, e ainda por cima tem o pormenor da calça repetida. Dia desses, encontrei

o pai do Suíço na unidade de saúde, e ele chegou em mim dizendo que sente falta de mim e que lamenta o fato de eu e o filho dele não estarmos mais juntos. Ele disse que *eu* era a mulher certa para ele e que a Isaura é lambocheira, não limpa a casa e não cuida nem da própria aparência.

- Achei engraçada essa palavra nova, me dê a definição. – disse Sabrina.

- Lambocheira nada mais é que uma pessoa lambona e desleixada. Nem eu sabia dessa palavra, foi o pai do Suíço que inventou. Muito engraçado. – disse Maria da Conceição, rindo.

- Vamos colocar no Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa. – disse Orlando.

- Mas voltando ao assunto da Isaura. Eu já percebi que ela era uma pessoa crica, mas não a ponto de ser uma destruidora de lares e devoradora de homens. – disse Sabrina.

- Ela não destruiu lares, pois ela deu em cima dele depois que terminamos o namoro. Dos males o menor, pelo menos ele não me traiu. Mas me trocou. E pior, ele preferiu acreditar em uma fofoca. O pior de tudo é que no fundo eu ainda gosto dele, mas sou orgulhosa demais para lutar por ele. Acho perda de tempo. E além do mais, ele também não é nenhum santo. Se ele gostasse de mim

de verdade, ele não acreditaria nas fofocas. Então, o melhor que eu tenho a fazer é ir cuidar de mim e nutrir o meu amor próprio. Sou inteligente demais para sofrer. – disse Maria da Conceição.

- O Suíço fez a escolha errada, agora que pague o preço. Perdeu uma pessoa extraordinária como você, e agora está lá com a “lambocheira”. Essa palavra é muito hilária. – disse Sabrina.

- Eu acho que a Isaura merece uma música. A homenagem. – disse Orlando.

- Que música você sugere? – perguntou Maria da Conceição.

- Aquela lá do Luan Santana que fala assim: “Não vem bancar a louca, não adianta pirar”. – disse Orlando.

Os três puseram-se a rir.

- Boa! Gostei. Você não perde a piada mesmo hein. Eu já planejava cantar no intervalo, por isso trouxe o violão. Então vamos lá. Vamos montar o coral. - disse Sabrina.

Eles fizeram um showzinho e ficaram cantando a música sugerida em homenagem a professora Isaura.

Não vem bancar a louca, não adiantar pirar. Foi você quem me usou e depois me pediu para nunca mais voltar.

Eles cantaram a música inteira e no final ainda juntaram o pedaço de outra para arrematar.

Quero aprender sua lição que faz tão bem pra mim.

- Obrigada Brasil! – disse Sabrina, fazendo a jogada de cabelo para frente igual à Joelma da Banda Calypso.

- Quanto talento. – disse Maria da Conceição.

- Gente, a Isaura passou por nós com um olhar matador. – disse Orlando.

- Indireta entregue com sucesso. – disse Sabrina.

- Mas Orlando, você tinha era que ir ao diretor do colégio e prestar uma queixa contra ela. O que ela te disse hoje foi inaceitável. – disse Maria da Conceição.

- É isso mesmo que eu vou fazer. E vai ser neste instante. – disse Orlando.

- Quer que eu vá com você? – perguntou Sabrina.

- Não precisa. Mas, obrigado mesmo assim. – disse Orlando.

Ele foi à diretoria, e já chegou de maneira toda formal. Começou dizendo:

- Boa noite. Chamo-me Orlando Teles. Sou discente do primeiro ano do Ensino Médio Supletivo. Gostaria de prestar queixa contra a docente Isaura.

- Boa noite. Sente-se rapaz. Então, qual o motivo da queixa contra a professora Isaura? – perguntou o diretor.

Então Orlando contou detalhadamente todo o abuso de poder e os impropérios vindos de Isaura.

- Realmente complicado. Terei uma conversa muito séria com a professora Isaura. A conduta dela como docente foi totalmente imprópria. E não se preocupe, rapaz. Você não vai pagar nada. – disse o diretor.

- Obrigado. Boa noite. – disse Orlando.

E assim foi. Logo que ele saiu da sala do diretor, Sabrina já foi perguntar os detalhes:

- Então?

- Polêmica resolvida. A Isaura vai se ferrar. E eu não vou pagar a persiana. – disse Orlando.

- Polêmica resolvida. – disse Sabrina.

No caminho de volta para a casa, Sabrina e Orlando conversavam.

- Obrigado por me defender. – disse Orlando.

- De nada. Eu fico injuriada com abuso de poder de professores. Quando episódios lamentáveis como este acontecem, eu já entro no meio mesmo. Meu idealismo nessas horas aflora bonito. Nem sempre os nossos mestres são os donos da razão. – disse Sabrina.

Capítulo 07

Prova final

Em um ano, os alunos do supletivo fizeram o equivalente aos três anos do Ensino Médio. Um ano que vale por três, e que foi repleto de aprendizados, momentos bons, momentos excitantes, desafios, discussões com certos professores críacas, amizades, boas risadas, muito humor, enfim. Um ano para ninguém botar defeito. E agora, os alunos do supletivo estavam se formando. O ano letivo se findava.

E para finalizar mesmo, haveria um provão final do supletivo. Com questões de todas as disciplinas, e aquilo definiria quem passaria ou quem ficaria para recuperação nas férias. Durante um bom tempo, todos se prepararam para esta prova. Bom, nem todos. Os esforçados sim. Mas ainda teve uns que viajaram juntos lá pro Ceará para ver um macumbeiro que prometia uma macumba lá que assegurava a aprovação deles nessa prova.

Noite da prova. Uns prontos, outros mais ou menos. Estavam todos bem ansiosos para a realização daquela prova. Cada um sentado em suas respectivas carteiras. E quem ia aplicar o provão era a professora Isaura.

- Primeiramente boa noite. Celulares desligados. Em cima da mesa apenas caneta azul ou preta, lápis e borracha para fazer as contas de matemática. Resposta final só aceito a caneta. Se tiver a lápis será anulada. Estou em cima da mesa não pode. A prova será de consulta, consulta do seu cérebro. Se eu pegar colando na prova ou fazendo qualquer tipo de comunicação é zero bolinha e sem chorar. – disse a professora Isaura, toda cheia de pose e autoridade.

Ela entregou as provas para todos.

- Pode começar. – disse a professora Isaura.

Silêncio total. Uma paz. Todos fazendo suas respectivas provas. Uns tinham facilidade, outros estavam desesperados. E ainda tinha uns caras de pau querendo colar na prova.

Maria da Conceição se encontrava fazendo sua prova tranquilamente, quando alguém sentado atrás dela passou um papelzinho pra ela perguntando qual era a resposta de uma das questões lá. Maria da Conceição desconsiderou o papel e já ia se desfazendo dele, quando Isaura viu e já achou que Maria da Conceição estava colando e passando cola.

- Maria da Conceição, a sua prova está anulada. É zero para você. Colando, né bonita? – disse Isaura.

- Hei, mas eu não estava colando. Eu garanto. Alguém que eu não sei quem é me passou esse papel pedindo cola, mas eu desconsidereei totalmente. Eu juro que não estava colando e nem passando cola. – disse Maria da Conceição.

- Ah, tá. Eu sou a Xuxa. – disse Isaura.

- E eu sou o Faustão. – disse Maria da Conceição – Vê se me erra, Isaura! Eu já falei que não estava colando. Você sabe muito bem que eu não tenho culpa nessa história, mas mesmo assim você quer me prejudicar simplesmente porque não vai com a minha cara.

- Me dá a sua prova imediatamente e saia da sala. Acabou para você. – disse Isaura.

Maria da Conceição perdeu a paciência, estourou o pavio, pegou sua carteira e ameaçou tacar na cabeça de Isaura. A sala toda começou a fazer barulho, bater palmas e gritar: “Briga! Briga! Briga! Briga!”.

- Eu meto a cadeira na sua cara! Pensa que eu não tenho coragem?! Vem com fuleiragem pra cima de mim que você vai ver! Você não vai com a minha cara porque eu já namorei o Suíço e você tem medo dele voltar para mim. Isaura, você me considera uma ameaça. Logo você, toda posuda e autoritária e segura de si, tem medo de mim. Mas você tem razão. É pra ficar com medo mesmo.

Porque o Suíço está vendo quem você é de verdade. Essa criatura espantosa e que ainda por cima não cuida da casa direito! Você não cuida da casa, você não cuida do seu marido e você não cuida nem de você mesma! Sua gorda! Nem o próprio Suíço tá te aguentando mais. – disse Maria da Conceição, segurando a cadeira na mão.

- Fora da minha sala imediatamente. Você está reprovada e eu vou prestar queixa de você para o diretor! – disse Isaura.

- Saio com muito prazer! Pode falar o que quiser para o diretor! Porque eu vou lá primeiro. E olha que o seu filme está bem queimado com ele. Fica esperta, viu. – disse Maria da Conceição.

- E vocês, podem continuar. Que sirva de exemplo para ninguém mais se meter a besta. – disse Isaura.

Todo mundo ficou quietinho, cada um na sua. Até Sabrina, a aluna mais idealista do colégio, ficou na sua e não se meteu no assunto. Por mais que Maria da Conceição fosse sua amiga, aquele era um assunto que cabia apenas a ela e a Isaura resolverem no tête-à-tête. E além do mais, Sabrina estava muito focada naquela prova e precisava concluir logo o Ensino Médio para depois ir para a faculdade. Os estudos eram sua vida.

No final da prova, todos os alunos foram liberados.

- Como foi de prova? – perguntou Orlando.

- Correu tudo bem. Eu acredito que eu tenha passado nessa prova. E você? – disse Sabrina.

- Até que eu me saí bem. – disse Orlando.

- Gente, eu fiquei passada com a briga de agora. Gostei mesmo foi da parte em que a Maria da Conceição pegou a cadeira e ameaçou tacar na cabeça da Isaura. – disse Sabrina.

- Uma professora crica dessas, até eu. Eu espero que a Maria da Conceição se saia bem no final de tudo isso e que ela tenha chance de refazer a prova. – disse Orlando.

- Ela vai se dar bem sim. A Isaura já está na berlinda do diretor faz tempo. – disse Sabrina.

Maria da Conceição falou com o diretor, prestou queixa contra Isaura, e garantiu que de maneira alguma ela colou na prova e nem passou cola para ninguém. O diretor acreditou na palavra de Maria da Conceição. Aí quando Isaura chegou falando horrores a respeito de Maria da Conceição, o diretor a desconsiderou totalmente.

Final da novela, Maria da Conceição teve a chance de refazer a prova. Ela passou na prova, estava

oficialmente formada no Ensino Médio. E Isaura ficou com cara de bunda.

Outros que também passaram na prova, foram a Sabrina e o Orlando. Era felicidade demais para eles, que agora estavam formados no Ensino Médio.

Várias outras pessoas também passaram. Mas aquele grupinho de pessoas que viajou longe e que pagou uma nota preta para o macumbeiro fazer a macumba pra eles passarem na prova, então. Eles reprovaram bonito. Não conseguiram passar.

Capítulo 08

Moral elevado

Haveria na escola a cerimônia de colação de grau e a festa de formatura. Estavam todos muito entusiasmados. O assunto do momento entre os formandos. Nos últimos dias de aula, a turma tirou a foto de todos os alunos juntos. Todos muito bonitos e combinando, a foto saiu profissional.

Durante as últimas semanas, Sabrina e Orlando estavam nos preparativos para a festa, assim como todos os outros formandos. Orlando comprou o traje dele, pois homens têm mais facilidade em encontrar coisas e roupa de homem é mais em conta se for comprada. Já Sabrina encomendou seu vestido sob medida. Mandar fazer sob medida, ainda que seja em uma costureira de vila, era muito mais chique do que alugar. Segundo Sabrina, alugar era um negócio brega, usar uma roupa que milhões de pessoas já usaram antes, sem saber se depois da devolução aquela peça foi devidamente higienizada. Um vestido feito sob encomenda é muito chique, uma peça única, algo que ninguém mais tem igual. Sem contar que ele é seu, você pode usá-los em outra ocasião. Agora alugar, você paga uma baba e ainda precisa devolver. Coisa de pobre, não? Bem, essa era a opinião de Sabrina. Ela tinha gostos muito refinados, e

pose de rica. E agora que concluiu mais uma etapa da sua vida estudantil e se preparava para entrar na próxima (que era a faculdade), ela estava se sentindo.

No dia da formatura, Sabrina e Orlando foram ao salão de beleza. Isso, Orlando também. E não foi só para ficar olhando não.

Noite da formatura. Cada um em seu quarto, Sabrina e Orlando estavam se arrumando para a ocasião. Muito vaidosos eles dois. Assim que ficaram prontos, eles se viram. Saíram de seus quartos simultaneamente, e ficaram se admirando.

- Sabrina, você está linda. Aliás, você é linda. – disse Orlando.

- Obrigada. – disse Sabrina – E você está um gato. Eu casava com você hoje mesmo.

- Não seria má ideia. – disse Orlando.

Rolou uma atração física ali. Paixão à milésima vista com cara de paixão à primeira vista. Com direito a friozinho na barriga.

Sabrina e Orlando pareciam da realeza. Estavam muito classudos e elegantes. E não paravam se olhar disfarçadamente. Ambos estavam com a autoestima elevada. Por se sentirem bonitos, por se sentirem

importantes, e pelo fato de concluírem o Ensino Médio e estarem caminhando para a o Ensino Superior.

A colação de grau foi uma cerimônia muito bonita. Cada aluno entregou uma rosa vermelha para um professor ou professora. Os homens entregaram para as professoras e as mulheres entregaram para os professores. Na vez da professora Isaura, Orlando foi quem lhe entregou a flor. Situação meio que irônica. Mas foi por sorteio previamente realizado, ele não teve escolha. Mas apesar de ela ter agido mal com ele, ele não guardava ressentimento. Até porque, ele fez justiça quanto a isso. E Isaura gostou do fato de Orlando ter sido escolhido para lhe entregar a flor. O que prova que não houve ressentimentos. E aquela era noite de festa. Noite de alegria.

A cerimônia de colação de grau teve todas as suas solenidades. O que mais marcou foi a entrega dos canudos com os diplomas.

Depois da cerimônia, que aconteceu no auditório do colégio, teve a festa, que seria na quadra do colégio. Muita dança, muita diversão, muita animação.

- Então, você me concede essa dança? – convidou Orlando.

- Concedo. Com muito prazer. – disse Sabrina.

Então eles foram dançar. Primeiro, numa música mais lenta, eles ficaram lá dançando de rostinho colado. Nas próximas músicas bem animadas, eles balançaram o esqueleto e dançaram profissionalmente e lindamente. E chamaram a atenção. Depois de dançar um bocado, Sabrina e Orlando foram para um lugar mais reservado para ficarem conversando.

- Esse dia é memorável. Há um ano, lá estávamos nós recém-matriculados no Ensino Médio. E hoje concluímos. É muito especial. Agora eu posso bater no peito e dizer que eu não sou mais ensino fundamental. Agora é Ensino Médio e caminhando pro Superior. – disse Sabrina.

- Sabe, eu confesso que também tenho a mesma sensação. Moral elevado. Estudo é tudo. Foi um duro golpe quando isso foi tirado de mim. Mas tudo terminou bem. Vencemos e continuamos vencendo. Mas Sabrina, eu queria te perguntar uma coisa há bastante tempo, mas eu sempre esqueço. Onde você aprendeu a ser parteira? No reformatório é que não foi. Penso eu. - disse Orlando.

- Ah, Orlando. Eu desde cedo me interessei por Obstetrícia. Nascimentos são lindos. Eu sempre procurei ler e me informar sobre o assunto desde muito nova. E depois que eu saí do reformatório, eu decidi consumir o máximo de literatura relacionada à Obstetrícia. Eu fazia o auxiliar de enfermagem, mas paralelamente eu me

atentava mais aos termos técnicos da minha área de interesse. Então aqui em Reduto, eu era a única pessoa que tinha conhecimento técnico do assunto. Em uma noite, uma mulher estava prestes a dar a luz. E não tinha médico. O médico só atende aqui duas vezes por semana, você sabe. E durante o dia apenas. E não dava tempo de leva-la para a cidade grande. Sobrou para mim. Então eu fui lá e consegui. Pela primeira vez eu coloquei em prática tudo o que eu tinha estudado e pesquisado. Aí eu tive certeza do que eu queria profissionalmente. A partir desse acontecimento, todos passaram a confiar em mim para essa finalidade. O mais peculiar nisso tudo é que parteiras geralmente são mulheres mais velhas e mais experientes, e mesmo eu sendo muito jovem, eles confiam em mim. Logo, eu tenho total certeza de que eu quero Enfermagem Obstétrica. Medicina seria interessante, mas eu não tenho pique para isso. Só se eu ganhasse uma bolsa integral. Mas e você, Orlando? Já se decidiu profissionalmente? – disse Sabrina.

- Vai ser Biomedicina. Pensei bem e me decidi. – disse Orlando.

- Parabéns. Ótimo curso. – disse Sabrina.

- Como nossas faculdades são da mesma área, nós vamos trocar muitas figurinhas. – disse Orlando.

- Justamente. – disse Sabrina.

Os dois ficaram lá admirando a noite. E tentando puxar assunto de qualquer coisa, pois não sabiam o que dizer naquela hora.

- Já te disseram que você fala bonito? – disse Orlando.

- Eu sei lá. – disse Sabrina, rindo.

- Mas é verdade. Você tem uma ótima dicção. Acho isso muito atraente. – disse Orlando.

- Orlando, assim você me deixa corada. Mas você também não fica atrás em se tratando de dicção. – disse Sabrina.

O clima romântico estava no ar. Mas ambos estavam um tanto tímidos. Mas internamente procuravam buscar coragem. Eles ficavam se insinuando, e pensando: *“Será que vai ser hoje?”*. Ambos ficavam pensando mil coisas no momento.

Enquanto isso, na festa, começou a tocar Colorir Papel.

- Não creio! Eu amo essa música. Essa é a minha música. – disse Sabrina.

- Sério? Eu também gosto muito. Coincidência. Vamos voltar pra festa, porque vamos dançar juntos. – disse Orlando.

Sabrina e Orlando voltaram correndo para a festa e puseram-se a dançar a música favorita deles. Era a trilha sonora deles. Muito romântico. E depois de muito enrolar, finalmente eles se desinibiram e se beijaram pela primeira vez. Mas não se tratava apenas de primeiro beijo como casal, e sim primeiro beijo mesmo de cada um deles. Foi lindo. Podemos assim dizer, que oficialmente eles estavam namorando.

Formatura excitante. A festa foi até altas horas da madrugada e ficou para a história.

Capítulo 09

Falando francamente sobre “sécho”

Já de Ensino Médio concluído, Sabrina e Orlando agora se preparavam para prestar vestibular. Estudos a todo o vapor e cara nos livros. Lógico que eles também arrumavam tempo para o lazer e também para namorar. Eles assumiram o amor deles e todos na cidade concordavam que eles formavam um bonito casal.

No trabalho, as coisas iam bem para os dois. Orlando na digitação e Sabrina na enfermagem. Mas a partir de um caso engraçado, a área da saúde percebeu a necessidade de abordar e investir em palestras em um tema que ainda dava certo xabu entre os mais, digamos assim, puritanos.

Era uma agradável manhã de trabalho na Unidade de Saúde. Aquele dia estava bastante calmo e teve poucos pacientes para serem atendidos. Na rodinha da conversa estava Sabrina, Maria da Conceição, Orlando e um agente de saúde que era conhecido como Bobeia. E ele começou a contar um caso muito engraçado.

O negócio se deu assim. A secretaria estadual de saúde enviou cartilhas de saúde e sexualidade dos adolescentes para serem distribuídas para os

adolescentes e para os funcionários da Unidade de Saúde. Bobeia, como funcionário da unidade, também possuía uma tiragem dessa cartilha em questão. Ele e sua esposa tinham duas filhas. A esposa de Bobeia, ao ver o conteúdo da cartilha, fez algo muito inusitado. Ela foi lá e rasgou a página da cartilha onde tinha desenhado o órgão genital masculino, para que as filhas não vissem aquilo. Por mais que o conteúdo da cartilha fosse puramente científico e não tinha nada a ver com imoralidade, mesmo assim a mulher foi lá e rasgou em mil pedacinhos e jogou no lixo.

- Não, ela não fez isso. Fala que ela não fez isso. Perdão, mas isso é muito engraçado. – disse Sabrina, caindo na gargalhada.

Todo mundo começou a rir da história.

- Ela é puritana demais. Eu achei exagerada a reação dela. – disse Bobeia.

- É, mas a sua esposa precisa se conscientizar de que precisa falar desses assuntos com as meninas. Ter uma conversa sobre esse tema. Manter a sexualidade como um tabu vai ser bem pior. Se os pais não conversam sobre o assunto, elas vão aprender na rua e da pior maneira possível. – disse Maria da Conceição.

- Está difícil de acreditar que ela rasgou a página em questão. – disse Orlando, rindo.

- Pessoal, eu tive uma ideia agora mesmo. Chamar a enfermeira e o médico e apresentar a ideia a eles. Devíamos investir mais tempo em palestras sobre sexualidade nas escolas. As pessoas andam bastante desinformadas e equivocadas sobre esse tema um tanto polêmico. E os pais, idem. Também precisamos conscientizar os pais de que abordar o tema sexualidade de maneira alguma será um convite para a iniciação precoce dos adolescentes. Eles precisam se informar sobre doenças sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência, mitos e verdades sobre masturbação, primeira vez, métodos contraceptivos, anatomia e fisiologia do corpo humano, ciclos menstruais entre outros assuntos que os adolescentes ainda têm dúvidas. O que mais me deixa injuriada da vida são mães que nunca conversaram com suas filhas sobre menstruação. Daí um dia a menina vira mocinha, e se assusta porque não sabe o que está acontecendo. Pensa que está doente, ou que tem alguma coisa errada, e fica com vergonha de contar para os pais ou adulto responsável da família. Mas que coisa mais caquética! Em pleno século vinte e um! No meu caso, eu fui criada sem mãe e sem família que me orientasse. Mas como eu pesquisava e estudava muito, tinha conhecimentos prévios de anatomia e fisiologia, e volta e meia na escola aparecia uns profissionais da saúde para fazer palestra, para mim não foi nenhuma surpresa e eu já esperava. Quando eu virei mocinha, em torno dos doze anos de idade, não fui surpreendida.

Ressaltando que abordar sexualidade não é convite para iniciação de nada. E conscientizar os adolescentes que tudo tem o momento certo para acontecer, e que não se pode precipitar nada. Agora fazer do tema sexualidade um tabu é totalmente incabível e absurdo. – disse Sabrina.

Sabrina não percebeu, mas o médico e a enfermeira ouviram tudo e aplaudiram assim que ela terminou de falar.

- Sabrina, eu tirei o chapéu agora. Excelente observação. Meus parabéns. Sua ideia é brilhante, e você fala com bastantes termos técnicos. Precisamos investir mais em palestras para os adolescentes nas escolas. – disse o médico.

- Gostei mesmo. Vamos sentar juntos, expor nossas ideias e colocar em ação. – disse a enfermeira.

- Há uma necessidade urgente de abordar sexualidade e acabar de vez com os tabus. – disse Orlando.

- Sabrina, você tem um futuro promissor. Continue assim. – disse o médico.

- Obrigada, doutor. – disse Sabrina.

E a partir de um caso engraçado que aconteceu, a equipe de saúde fez um trabalho sério nessa área.

Investiu em palestras nas escolas para os adolescentes. Também fizeram uma palestra com pais de adolescentes para conscientização. E então a sexualidade pouco a pouco ia deixando de ser um tabu.

Mas aquele caso da mulher que rasgou a página da caderneta do adolescente foi impagável. Sabrina e Orlando voltaram para casa rindo às gaitadas.

- Não acredito que a mulher do Bobeia fez aquilo lá. Ela pegou a caderneta e rasgou a parte onde tinha o negócio do homem. Vou rir disso o ano inteiro. – disse Sabrina, rindo.

- Mas é puritana demais ela. – disse Orlando, rindo.

- É engraçado, parece piada, mas no fundo isso é sério. Se a sexualidade for um tabu, os nossos adolescentes vão aprender sobre sexualidade de maneira errônea e onde não deve. – disse Sabrina.

- Andei observando que o médico elogiou você pela ideia da iniciativa. – disse Orlando.

- Pois, pois. – disse Sabrina.

Capítulo 10

Plano de retaliação

Sabrina e Orlando estavam focados em vencer na vida. Inscreveram-se no vestibular e começaram a estudar. Ela para Enfermagem, ele para Biomedicina. Continuavam trabalhando, ganhando seus salários, economizando para planos futuros, mas sem se esquecer do Carpe Diem, logicamente.

Mas de tão focados apenas neles, na vida deles, no estudo deles e no namoro deles, Sabrina e Orlando se atentaram a um detalhe. Como estaria nos dias atuais o orfanato de onde eles vieram? Mudou a gestão, continua a mesma coisa, ou piorou? Essa era a pergunta milionária que continuava latente em suas mentes. Numa tarde chuvosa, Sabrina e Orlando se encontravam na varandinha de casa conversando sobre o assunto.

- Sabe, eu tenho curiosidade de ver como está atualmente a instituição de onde viemos. Não somente curiosidade, mas sim desejo de fazer justiça em prol das crianças que vivem lá. Eu já passei da fase da defensiva, já sou maior de idade, não vivo mais nas ruas e não preciso ter medo de denunciar. – disse Orlando.

- Eu penso o mesmo. Tenho muita vontade de ir até lá e ver como tudo está. Se aquilo mudou para melhor, ótimo. Agora se os maus-tratos estiverem persistindo até hoje, é um dever moral nosso denunciar. Sim, pois nós viemos de lá e sofremos nas mãos das mulheres que gerem o orfanato, que conhecemos como “as tias”. Por muito tempo eu deixei por aquilo mesmo, foquei só na minha vida, mas agora estou disposta a ir lá e se for constatada a existência de maus-tratos, aí a jurupoca vai piar bonito ali. Uma denúncia e já baixa um ônibus da polícia lá para prender todas as “tias”. – disse Sabrina.

- Vamos planejar uma viagem para lá. – disse Orlando.

- Isso mesmo. – disse Sabrina.

Então eles se prepararam para uma viagem rápida. Fizeram as malas com apenas o necessário, pois não demorariam muito.

Dia da viagem. A primeira etapa foi de Reduto para Americana. A segunda etapa foi de Americana para Limeira. Uma viagem muito agradável e confortável. Ar condicionado, poltrona-leito, água gelada. Mas que acima de tudo significava muito para ambos. Voltar ao lugar de origem. Ver como tudo aquilo está atualmente.

Sabrina e Orlando chegaram a Limeira aproximadamente na hora do almoço. Eles foram para um hotel simples, porém bem ajeitado. Deixaram as malas lá e saíram para almoçar na churrascaria.

- Hoje será um dia decisivo. A hora da verdade. – disse Sabrina.

- Espero de coração que as crianças estejam recebendo tratamento adequado. Procuro ser otimista e pensar que alguém idealista presenciou aquilo e não se omitiu. Mas se esse não for o caso, terei o imenso prazer de ver o circo pegando fogo. Esse sentimento de ficar na defensiva fez um estrago nas nossas vidas. O estrago foi reparado, mas poderia ter sido evitado. – disse Orlando.

- Eu fiquei impossibilitada por três anos de fazer qualquer coisa por aquelas crianças. Mas quando saí do reformatório, eu decidi pensar só em mim. Eu precisava me reerguer para não voltar pra rua. Mudei-me pro Reduto, pois como é um vilarejo bem pacato e as pessoas são acolhedoras, eu poderia reconstruir minha vida com mais facilidade. Mas agora, que eu estou estável, eu tenho condições e um dever moral de me preocupar com as crianças que vivem na instituição. – disse Sabrina.

- Mas não se sinta culpada, Sabrina. Você só faz o que estiver ao seu alcance. E no momento, era você quem precisava de sua própria ajuda. Como ajudar os

outros se você mesma precisava de ajuda? Você fez certo. Tanto que conseguiu se reerguer antes de mim. Enquanto você fez o curso, começou a trabalhar e a ter um lugar para morar, eu ainda estava na rua. Totalmente acomodado e acostumado com uma vida de miséria. O importante é que você nunca deixou de se importar com aquelas crianças. O importante é que o motivo dessa viagem para cá é justamente esse. Ver como tudo aquilo está anos depois. – disse Orlando.

Depois do almoço, eles voltaram para o hotel e descansaram um pouco. Depois do descanso, era hora do vamos ver. Sabrina e Orlando se arrumaram para sair.

Cheios de estilo, o casalzinho foi em direção ao orfanato que se localizava na área rural de Limeira. Para não serem reconhecidos, eles estavam meio que disfarçados. Ele de boné, ela de echarpe e os dois de óculos escuros. Mas ficaram lindos. E Orlando ficava admirando a sua amada. Ela tinha postura, classe e elegância. E vamos combinar que ele também.

Chegando na área onde se localizava a instituição, Sabrina e Orlando percorreram um bom pedaço a pé. E repassavam mais uma vez o esquema.

- Primeiro vamos observar de longe, tirar foto e tudo mais. Depois, a gente vê se fala com algumas das crianças para tentar obter alguma informação e procurar saber se elas são bem tratadas aqui. – disse Orlando.

- É, Orlando. Parece bonito na teoria, mas não creio que elas vão abrir o coração e falar o que está se passando. Elas provavelmente teriam medo de possíveis represálias. Nem todo mundo aqui é idealista como a gente era, a ponto de peitar as funcionárias de frente. E quando fazíamos isso, nos dávamos muito mal. E olha que mesmo idealistas, fugimos sem denunciar. Mas mesmo assim vamos contar com a sorte. Tomara que encontremos alguém que fale alguma coisa. – disse Sabrina.

- Bem pensado. Mas de qualquer maneira, se houver maus tratos, nós vamos descobrir. A gente chega meio que de surpresa, como um casal interessado em adotar e vai sondando. – disse Orlando.

Sabrina e Orlando ficaram primeiramente observando do lado de fora do mourão de madeira. No pátio havia umas crianças. Umas brincando, outras conversando. Orlando e Sabrina portavam um binóculo e olhavam por ele.

- Analisando bem, essas crianças estão meio que judiadas, usando umas roupas bem molambentas. – disse Orlando.

- E o semblante de muitas delas denuncia coisas. O prédio do orfanato não mudou nadinha, inclusive até está mais acabado. – disse Sabrina.

Sabrina e Orlando chamaram uma das crianças, que prontamente foi até lá ver o que eles queriam.

- Oi, quem são vocês? – perguntou a criança.

- Umas pessoinhas aí. – disse Sabrina – Então você mora aqui?

- Moro. – disse a criança.

- E gosta daqui? – perguntou Orlando.

- Gosto. Tchau. – disse a criança, e saiu correndo.

Sabrina e Orlando começaram a suspeitar.

- Curto e grosso, não? – disse Sabrina.

- Não sei se é neura nossa, mas a impressão que tenho é de que ele está com medo de falar. E a pressa com que ele saiu, indica que ele tem medo de ser visto pelas funcionárias conversando com estranhos. – disse Orlando.

- Chega de comer pelas beirolas. Vamos entrar logo nessa instituição. Deixar nossos gravadores ligados dentro da bolsa, tirar foto do lugar em um momento de distração das funcionárias e da diretora. Vamos ver tudo. – disse Sabrina.

Então eles adentraram nas dependências da instituição. E chamaram a atenção de muitas das crianças. Quem seriam aqueles dois forasteiros?

Bateram na porta. Logo foram atendidos. Pela diretora, a “tia” mór, a mandachuva, a mais malvada de todas, e mãe da Francina. Lembranças vieram à tona, porém Sabrina e Orlando mantiveram o sangue frio em todo o tempo.

- Boa tarde. O que desejam? – disse ela.

- Olá. Estamos interessados em adotar uma criança e gostaríamos de conhecê-las e conhecer a instituição. – disse Sabrina.

- Entrem, por favor. – disse a diretora.

Sabrina e Orlando entraram lá. O lugar continuava do mesmo jeito. Um orfanato ranhoso. A diretora deixou-os sozinhos na sala por um instante. Nesse ínterim, eles aproveitaram para tirar umas fotos.

Logo depois, a diretora voltou.

- Gostaríamos de conhecer a instituição. Poderia nos mostrar, por favor? – disse Orlando.

- É necessário isso? – perguntou a diretora, meio estremecida.

- É necessário sim. Se não for incômodo, gostaríamos de conhecer a instituição. – insistiu Sabrina, curta e grossa.

A diretora resmungou qualquer coisa dando a entender que o caszinho era muito enxerido. Eles fizeram um tour pelo orfanato. Viram a sala de convivência, os quartos, a cozinha, os banheiros. E nos quartos, os lençóis estavam sujos, uns com mancha e odor de urina. A diretora foi pega desprevenida, por essa ela não esperava. Por fora, agia naturalmente. Mas por dentro, estava tremendo nas bases.

Então Sabrina e Orlando foram conhecer as crianças. Elas eram todas muito retraídas, tímidas e falavam pouco. Um aspecto muito estranho a ser considerado. Mas duas delas eram a exceção da regra. Um menino e uma menina da mesma idade (aproximadamente uns seis anos de idade), e se pareciam muito fisicamente.

- Você é muito bonita. – disse a menina para Sabrina.

- Obrigada. – disse Sabrina - E você além de bonita é muito simpática. Qual é o seu nome?

- Valentina. – respondeu ela.

- Chamo-me Valentino, e nós somos gêmeos. – disse o menino, se apresentando.

- Irmãos que combinam nos nomes. Acho uma graça. – disse Sabrina.

- Vocês são muito simpáticos. – disse Orlando.

- E vocês, como se chamam? – perguntou Valentino.

- Chamo-me Sabrina. – disse Sabrina.

- Orlando. – disse Orlando.

- Venham. Nós vamos mostrar a propriedade para vocês. – disse Valentina.

- Vai ser um prazer. – disse Sabrina.

Valentina e Valentino levaram Sabrina e Orlando para passear pela propriedade. Eram crianças muito simpáticas e educadas. E se simpatizaram muito com Sabrina e Orlando. As crianças eram quem puxavam Sabrina e Orlando pela mão para andar pela propriedade. Mas aquele passeio era estratégico. Eles queriam transmitir alguma mensagem, e aquilo era implícito. Até que uma revelação iria confirmar as suspeitas de Sabrina e Orlando.

- Agora que estamos a sós, precisamos contar uma coisa para vocês. As tias maltratam a gente aqui. Precisamos de ajuda. Tirem a gente daqui. As outras crianças têm medo de contar para alguém, porque as tias ameaçam punições muito severas. – disse Valentino.

- Por favor, nos levem com vocês. – disse Valentina, com semblante desesperado.

- Eu sabia. Suspeitava de tudo. Isso aqui não mudou nada. Chega! Isso precisa parar! Vamos denunciar isso agora mesmo. – disse Orlando.

Sabrina tirou a echarpe da cabeça, evidenciando seus cabelos loiros cor de mel. E disse:

- Entendemos perfeitamente o que vocês estão passando. Já passamos por isso. Orlando e eu morávamos aqui nessa instituição e fugimos por não suportar mais os maus-tratos. Elas destruíram nossa infância e nos roubaram nossa adolescência. Agora voltamos para fazer justiça e ajudar vocês. Vamos colocar as tias na cadeia. Vamos chamar a polícia agora. Enquanto não chega, vamos ser discretos. Não saiam de perto da gente. – disse Sabrina.

Orlando telefonou para a polícia e despejou a denúncia.

- É só uma questão de tempo, elas já vão ser presas. – disse Orlando.

Sabrina e Orlando deram uns três passinhos para a frente e ficaram cochichando entre si.

- Orlando, eu gostei dessas crianças. Simpatizei-me com elas. – disse Sabrina.

- Eu também. Poderíamos adotá-las. – disse Orlando.

- Que bom que você pensa como eu. Fico muito feliz. Vai ser burocrático, mas vai valer a pena. – disse Sabrina.

Sabrina, Orlando, Valentino e Valentina ficaram juntos esperando a polícia chegar.

- Eu estou com medo. As tias vão se vingar. – disse Valentina.

- Não, elas não vão. Eu não vou permitir que elas façam nada contra vocês. Eu prometo. – disse Sabrina.

Então a polícia chegou. Não era nem viatura, era ônibus mesmo.

- Muito fera esse ônibus da polícia. Eu gosto dessas coisas. – disse Sabrina.

- Eles usam quando precisam prender muita gente. É até hilariante a cena. – disse Orlando.

- O que significa “hilariante”? - perguntou Valentino.

- “Hilariante” ou “hilário” significa uma coisa muito engraçada. – disse Orlando.

- Eu gosto de aprender palavras novas. – disse Valentina.

- Eu também. É tudo de bom. Venham, vamos lá falar com os policiais. – disse Sabrina.

Os quatro foram em direção aos policiais. Falaram algumas coisas lá, e logo o delegado com os policiais já adentraram a instituição e deram voz de prisão à diretora e às funcionárias. Fim da linha. Ali terminaria o sofrimento daquelas crianças. Algema nelas.

Orlando sem o chapéu e Sabrina sem a echarpe e ambos sem os óculos escuros, naquele momento a verdade veio à tona. As “tias” reconheceram aqueles rostos.

- Sabrina?! Orlando?! – disse a diretora.

- Acharam que enganariam a quem mesmo? E olha que essa frase nem é minha. Não lhe parece familiar? – disse Sabrina.

- Mas como vocês são baixos! – disse a diretora.

- Engraçado, olha quem fala. – disse Orlando.

- Na época não tivemos coragem de denunciar, mas nós não temos mais quatorze anos de idade. O fato é que a casa caiu e vocês se ferraram. Vocês vão ter bastante tempo para refletir na prisão. E uma coisa é certeza. Vocês nunca mais vão encostar em um fio de cabelo dessas crianças. Vocês todas fizeram um estrago tanto na minha vida quanto na do Orlando. Reerguemo-nos sim, demos a volta por cima. Mas não vamos permitir que esses meninos e meninas passem pelas dificuldades que passamos para reparar os estragos de vocês na vida deles. Eu poderia até dar na sua cara, senhora diretora, mas a justiça já está tratando de você. – disse Sabrina.

- Uma vez idealistas sempre idealistas. E desta vez nenhuma de vocês pode nos colocar de castigo. – disse Orlando.

Sem mais delongas, era aquela fila de gente algemada em direção ao ônibus da polícia.

- Cena linda de se ver. Todas elas com cara de bunda. Sempre sonhei com esse momento. Memorável, épico. Eu gosto quando a polícia vem prender gente com o ônibus. – disse Sabrina.

Todas as crianças e também Sabrina e Orlando vaiaram a diretora e as funcionárias. Francina, a filha da diretora, gritava, xingava e fazia escândalo.

- Vocês me pagam! Sabrina e Orlando. Desde sempre insuportáveis. Seus miseráveis! – disse Francina.

- Delação é igual chifre. Quando é trocado não dói. – disse Sabrina.

- Filosofou bonito, amor. E Francina, quem sorri de canto de boca agora somos nós. Aqui se faz, aqui se paga. – disse Orlando.

Francina continuou xingando lá e chegou a xingar o policial.

- Você está detida por desacato à autoridade. – disse o delegado.

Algema nela também. Vamos para o ônibus.

Na delegacia, vários depoimentos e queixas. Demorou bastante tempo. Algumas crianças não falaram nada, pois estavam traumatizadas. Mas Valentina e Valentino falaram. Sabrina e Orlando, além de testemunhas, também eram configurados como vítimas. Eles quebraram o silêncio anos depois e relataram todos os abusos sofridos na instituição. No final de tudo, eles demonstraram interesse em adotar Valentina e Valentino. Foram orientados quanto a todos os trâmites necessários.

A prefeitura de Limeira nomeou interventores para coordenar provisoriamente a instituição. Aquelas crianças não ficariam mais desamparadas. A instituição estava na berlinda do Ministério Público e do Conselho Tutelar. Aquelas crianças poderiam respirar aliviadas.

Já era noite. As crianças voltaram para a instituição. Valentina e Valentino, antes disso, foram falar com Sabrina e Orlando.

- Vocês vão adotar a gente? – perguntou Valentino.

- Vamos. – disseram Sabrina e Orlando.

- Eu gosto de vocês. – disse Valentina.

- Também gostamos muito de vocês. São adoráveis. – disse Orlando.

Sabrina e Orlando abraçaram Valentina e Valentino.

- Nós vamos entrar com o processo de adoção. Vai ser burocrático, pode levar alguns meses, mas vocês vão ser nossos filhos. – disse Sabrina.

E assim foi. Nunca mais se ouviu falar em abuso e maus-tratos naquela instituição. Valentina e Valentino voltaram para lá com as demais crianças, mas Sabrina e Orlando prometeram adotá-los.

Sabrina e Orlando voltaram para o hotel, tomaram um banho e se arrumaram para sair. Naquela noite, Sabrina e Orlando saíram juntos para um jantar romântico. Durante o jantar, eles assimilavam tudo o que acontecera naquele dia.

- Finalmente se fez justiça aqui. Hoje foi um dia decisivo repleto de fortes emoções. – disse Orlando.

- Eu sonhei a vida toda com esse dia. Finalmente colocamos todas as “tias” na prisão. O melhor de tudo isso é que finalmente podemos respirar aliviados porque temos a certeza de que todas aquelas crianças não vão sofrer mais. E hoje ao conhecer a Valentina e o Valentino, eu me deparei com nós mesmos quando crianças. Lógico com a diferença de que eles são irmãos e nós não somos. Deus me livre eu ser sua irmã. – disse Sabrina.

Orlando riu. Sabrina também.

- Deus me livre, é? Muito engraçado. Mas você tem razão. Se fôssemos irmãos, nós não poderíamos namorar. Mas sobre Valentina e Valentino, eu gostei deles. São os filhos que eu sempre quis ter. – disse Orlando.

- Concordo plenamente. Eu sempre sonhei em adotar. E a Valentina e o Valentino me conquistaram de tal maneira, que foi amor de mãe à primeira vista.

Descobri um instinto materno que eu nem sabia que eu tinha. Mal posso esperar para adotá-los. – disse Sabrina.

- Vamos constituir família. A família que nunca tivemos, mas que vamos ter chance de ter. – disse Orlando.

O jantar foi bastante agradável. Após a sobremesa, eles pediram a conta e saíram. O caszinho ficou passeando e namorando.

Depois de uma noite muito romântica, Sabrina e Orlando voltaram para o hotel. O clima estava bastante propício para o casal apaixonado se amar. Só que não.

- Opa, opa. Vamos manear aí. Não se empolga não. – disse Sabrina.

- Mas Paixão, eu pensei que... - disse Orlando.

- Ah, pois pensou errado. – interrompeu Sabrina – Isso aí que você está pensando é só quando a aliança desse dedo direito passar para esse dedo esquerdo aqui. Estamos no mesmo quarto para economizar dinheiro, pagando uma diária ao invés de duas. E não é por acaso que é com duas camas de solteiro separadas. Então, até a aliança trocar de dedo, você se comporta.

- Ok então, general. – disse Orlando.

Sabrina pegou os dois porta-casacos, colocou-os paralelamente e jogou um lençol por cima para fazer de cortina. Essa cortina improvisada ficou entre as duas camas de solteiro.

- *Buenas noches, mi vida. Te quiero mucho.* – disse Sabrina.

- *Buenas noches, cariño. También te quiero mucho.* – disse Orlando.

E então, depois de um dia repleto de aventuras e emoções, Sabrina e Orlando foram dormir.

Capítulo 11

O vestibular

Sabrina e Orlando tiveram que voltar para Reduto. Mas já deram entrada ao processo de adoção de Valentina e Valentino. Demoraria um tempinho, mas nesse ínterim, Sabrina e Orlando escreviam cartas para os gêmeos. Embora fosse um meio de comunicação um tanto que obsoleto, aquela era a opção viável, visto que os meninos não tinham acesso a computador e internet. Sabrina tinha todo um capricho ao escrever as cartas. Papeis de carta decorados, caligrafia muito bonita e ela ainda colocava um perfume muito cheiroso na folha. Todos os frutos a que se tinha direito. Era uma felicidade para Valentina e Valentino receberem as cartas de seus futuros pais. E mais felicidade ainda ao escreverem de volta contando suas novidades e aventuras. Sabrina e Orlando já se sentiam literalmente os pais daquelas crianças. E quando possível, eles viajavam para Limeira para ver as crianças e passear um pouco com elas.

Reduto, 12 de fevereiro.

Querida Valentina e Querido Valentino,

Olá, meninos! Como vão? Tudo bem por aí? Orlando e eu estamos morrendo de saudades de

vocês, e muito ansiosos para que fiquemos todos juntos. Aqui estamos bem. Reduto é um vilarejo pequeno, porém muito simpático, e que fica perto de Iracemápolis e de Americana, o que é muito bom. Vocês vão gostar bastante.

As novidades por aqui é que nós estamos estudando bastante para passar no vestibular. Vestibular é um provão com todas as matérias que se faz para conseguir uma vaga na faculdade. Orlando quer ser biomédico, para estudar as doenças e desenvolver vacinas. Eu sonho em ser enfermeira obstetra, para trazer os bebês ao mundo e prestar cuidados às futuras mães. E se Deus quiser, vamos conseguir. A outra novidade é que muito em breve nós vamos nos casar. Vai ser só no cartório, mas quando estivermos todos juntos e fomos uma família, certamente vamos fazer uma cerimônia religiosa e uma festança para todo mundo dançar.

Mandem carta para a gente, falando como vocês estão e sobre as novidades de vocês. Aguardamos ansiosamente.

Abraços e beijos com sabor de chocolate,

Sabrina e Orlando.

Mas Orlando e Sabrina também estavam focados no vestibular. Cara nos livros direto e muita determinação.

E depois de um bom tempo se preparando, finalmente chegou o grande momento. Eles viajaram para Americana um dia antes da prova. Na véspera, eles não estudaram. A recomendação é sempre procurar relaxar e descansar. Sabrina e Orlando foram ao cinema à tarde.

Naquela noite, foi ansiedade pura. Eles demoraram em pegar no sono e ficaram rolando na cama. Mas até que dormiram bem.

No dia seguinte de manhã, Sabrina e Orlando acordaram bem cedo e se arrumaram. Tudo pronto, eles foram para o certame.

- Então, preparado? – disse Sabrina.

- Com certeza. Nesse vestibular eu passo. – disse Orlando.

- Eu também estou convicta da minha aprovação. Na verdade eu não crio expectativas, mas eu acredito que eu tenho grandes chances de passar no vestibular. – disse Sabrina.

Na faculdade onde eles iriam estudar, estava apinhado de gente que iria prestar vestibular para os mais diversos cursos. Sabrina e Orlando foram para suas respectivas salas onde prestariam a prova. Cada um em sua sala, eles realizaram a prova. Nada de nervosismo e sem neuras. Eles responderam as questões e fizeram

redações muito boas. Após algumas horas, a medida que iam terminando, os vestibulandos iam saindo.

Depois da prova, Sabrina e Orlando se encontraram.

- Como foi a sua prova? – perguntou Sabrina.

- *A piece of cake.* – disse Orlando.

- Para mim também. Foi tranquilo. A redação foi a melhor parte. – disse Sabrina.

- Concordo plenamente. Estou ansioso pelo resultado. – disse Orlando.

- Agora é que começa o nervosismo de verdade. – disse Sabrina.

Orlando e Sabrina voltaram para Reduto. Dois dias depois, saiu o resultado. Como eles não tinham acesso à internet em casa, mas tinham no trabalho, eles acessaram o site da faculdade para ver a lista dos aprovados. Orlando, que era digitador e estava sempre no computador, chamou a Sabrina para ver o resultado.

- Eu nem vi nada ainda. Preferi esperar você chegar para vermos juntos. – disse Orlando.

- É a hora da verdade. Precisamos passar. Se eu não passar, eu vou ficar chateada, mas desistir jamais. – disse Sabrina.

- Vamos ver o seu primeiro. Vejamos Enfermagem. Aqui. Vamos logo para a letra “S”. – disse Orlando.

Taquicardia. Momento decisivo para Sabrina.

- Sabrina Barreto. Aprovada. Não acredito! Eu passei! Pode vibrar! Pode comemorar! Solta foguete! Vou para a faculdade, agora é Ensino Superior. Outras categorias! – disse Sabrina, comemorando de felicidade.

- Parabéns, amor. Você merece. Dá-me um abraço. Minha intelectual favorita. – disse Orlando.

Eles se abraçaram.

- Agora vamos ver você. Tomara que você tenha conseguido. – disse Sabrina.

- Suspense. Agora vamos ver a lista dos aprovados para Biomedicina. Letra “O”. Orlando Teles. Encontrei. Aprovado! Orlando Teles aprovado! Eu passei! Vou ser biomédico. – disse Orlando, comemorando.

- Parabéns, meu bem. Eu sabia que você ia ser aprovado. Hoje é um dia lindo! Só não vou gritar porque a minha ética profissional não permite tal postura em

ambiente de trabalho. Mas hoje é comemoração! – disse Sabrina.

O caszinho estava feliz demais. No restante do expediente, eles ficaram o dia inteiro de sorrisos de orelha a orelha, brilho nos olhos, senso de contar piada e fazer comédia, com um bom humor contagiável. Todos no trabalho souberam da aprovação de Sabrina e Orlando no vestibular, e deram-lhes os parabéns.

Assim que chegaram em casa, tinha carta na caixa de correio.

- Epa, tem uma correspondência pra nós. – disse Sabrina.

- É da Valentina e do Valentino. Eles responderam nossa carta. – disse Orlando.

- Que legal, vamos ler. Eles nos responderam, que felicidade! – disse Sabrina.

Abaixo está a carta dos meninos:

Limeira, 22 de fevereiro.

Sabrina, Orlando,

Olá. Aqui estamos bem. Desde já queremos agradecer vocês por ter nos salvado das tias malvadas. Agora está tudo bem com todas as

crianças. Colocaram umas tias boazinhas para cuidar da gente, elas cuidam direito de nós, a comida melhorou bastante, as camas ficaram mais confortáveis e puseram chuveiro quente para nós tomarmos banho. Estamos indo muito bem na escola, aprendendo um monte de coisa legal. Mas estamos ansiosos para que vocês adotem a gente e nos levem com vocês. Estamos com muitas saudades. E só para lembrar. Sabrina, a sua letra é muito bonita. E a Valentina se apaixonou por esse perfume que você colocou na carta.

Nós gostamos muito de vocês. Mal podemos esperar para estarmos juntos novamente.

Beijos e abraços com gosto de morango

Assinado: Valentino e Valentina.

Capítulo 12

Senhor e Senhora Teles

Muitos anos de amizade, um bom tempo de namoro sério. Sabrina e Orlando, juntos, tinham uma bonita história de amor. E então resolveram se casar. Construir uma união sólida. Como eles no momento não tinham condições para um casamento chique com toda a pompa a que se tinha direito, eles casariam só no civil e fariam uma viagem de lua-de-mel para o Rio de Janeiro. Quando eles concluíssem a faculdade, Sabrina concluísse a pós-graduação, eles tiverem adotado as crianças e quando a situação financeira melhorasse, eles fariam uma cerimônia chique com festança.

Mas quando se ama de verdade, não importa se é no civil, no religioso, não importa se teve casamento chique ou lua-de-mel no estrangeiro. Tudo é lindo. Onde existe amor verdadeiro, a simplicidade se transforma.

Dia do casamento. Em Reduto não tinha cartório. Em Iracemápolis tinha, mas Sabrina e Orlando se casaram em Americana. Cidade maior, eles acharam mais chique. Mesmo sendo somente no civil, os noivos estavam muito elegantes e posudos. Ele, de traje passeio. Ela, de vestido branco (pois ainda era donzela, e embora

fosse um detalhe muito ultrapassado, ela fazia questão de vestir branco).

Então, Sabrina e Orlando assinaram os papéis, trocaram alianças e já estavam casados. Como testemunhas, Sabrina e Orlando chamaram Maria Conceição e Suíço. Isaura ficou tiririca da vida quando soube dessa arrumação. Chamar o marido dela junto com a ex dele para serem padrinhos de casamento. Mas foi proposital. Sabrina e Orlando tinham mesmo a intenção de fazer pirraça para Isaura, e simultaneamente darem uma de cupidos para tentar juntar novamente Maria da Conceição e Suíço.

Maria da Conceição e Suíço só ficaram sabendo na hora, pois foram convidados separadamente. Foi tipo que surpresa para ambos. E ficaram um tanto que constrangidos com a situação, mas como eram muito amigos de Sabrina e Orlando, não ficaram bravos. Mas aquele clima era inevitável, pois Maria da Conceição e Suíço viveram uma linda história de amor juntos, um relacionamento sério, um amor que foi concretizado, mas que por virtude de uma mentira, eles terminaram. Mas na hora eles decidiram não deixar o negócio pessoal deles interferirem na felicidade do dia do casamento dos seus amigos.

Sabrina e Orlando eram finalmente casados. Senhor e Senhora Teles. Dona Sabrina e Seu Orlando. A

aliança do dedo direito passou para o dedo esquerdo. Felicidade demais. O noivo já pode beijar a noiva.

Sabrina e Orlando tomaram um ônibus com destino para Rio de Janeiro. Foi uma viagem bastante confortável e agradável. O caszinho passou a viagem inteira no maior Love.

Já no Rio de Janeiro, no hotel, Sabrina e Orlando finalmente iriam consumir a união.

- Também vai ser a minha primeira vez. – disse Orlando.

- Orlando, quem diria. Então quer dizer que você nunca... – disse Sabrina.

- Na rua ninguém fazia o meu tipo. Só tinha gente feia lá. Umas brigas de foice no escuro. – disse Orlando, rindo. E Sabrina também riu.

- O seu senso de comediante me atrai. – disse Sabrina.

- Eu gosto de ser engraçado. E além do mais, eu tinha a esperança de te reencontrar novamente. E isso aconteceu. – disse Orlando.

Sabrina e Orlando se beijaram apaixonadamente. E se amaram pela primeira vez. Concretizaram o amor deles.

Aquela noite foi incrível, a melhor de todas.

- *Buenos días, cariño.* – disse Sabrina.

- *Buenos días.* – disse Orlando – Te amo.

- Também te amo. – disse Sabrina.

O mais novo casal passou ótimos momentos no Rio de Janeiro. Foram à praia, ao Cristo Redentor, e a vários lugares turísticos. E logicamente, tiraram inúmeras fotos. Uma viagem que ficou para a história e para a memória.

Capítulo 13

“Agora, nós vamos invadir sua praia!”

Depois de dias incríveis e noites delirantes na Cidade Maravilhosa, Sabrina e Orlando voltaram para a casa com muitas histórias para contar. Todo mundo perguntava como tinha sido a viagem.

- O Rio de Janeiro continua lindo. O Rio de Janeiro, Fevereiro e Março. Alô, torcida do Flamengo, aquele abraço. – cantavam Sabrina e Orlando.

O casalzinho contou tudo sobre os lugares turísticos que visitaram, sobre a emoção de ver e sentir o mar, de andar pelo Calçadão, de estar no Cristo Redentor. Enfim, foi uma viagem e tanto.

Sabrina e Orlando estavam se dando muito bem nessa vida de casados. E melhor ainda, o primeiro dia de aulas na faculdade estava chegando. O que era muito bom, visto que estavam ansiosíssimos para começar a estudar.

Primeiro dia de aula. Aliás, primeira noite, visto que eles iriam estudar à noite. Sabrina e Orlando vestiram-se muito bem e tomaram o ônibus dos estudantes para Americana.

No caminho, eles conversavam.

- Primeiro dia na faculdade é excitante. – disse Sabrina.

- Com certeza. Sonho sendo realizado bem aqui. – disse Orlando.

- A sensação de adquirir conhecimento e elevar a autoestima não tem preço. – disse Sabrina.

Algum tempinho depois, eles finalmente chegaram a faculdade em Americana. Sabrina e Orlando andavam cheios de pose e estilo, com a autoestima lá em cima. Tudo perfeito, com exceção de um detalhe. Uma certa pessoinha muito desagradável, por coincidência, estava lá naquela faculdade também.

- Orlando, não creio. Veja só quem está aqui. – disse Sabrina.

- Ah, não, para, vai. Ela? Logo ela? – disse Orlando.

A pessoa que eles viram e não gostaram de ter visto, se tratava de Francina. E ela estava acompanhada de um namoradinho, cujo nome era Paulênio. Logicamente, eles também avistaram Sabrina e Orlando, e odiaram o fato da presença deles. O encontro foi inevitável.

- Olá, meus queridos. Nunca pensei que gente como vocês entraria na faculdade. – disse Francina.

- Pois é, só para você ver como são as coisas. – disse Orlando.

- E como foi lá na cadeia? Dormiu bem lá? Fez uma tatuagem e amizades novas? – disse Sabrina.

- Você sabe que você é uma vagabunda, não é, Sabrina? Você ainda vai me pagar caro por fazer aquela sacanagem de colocar a minha mãe na prisão. – disse Francina.

- Sacanagem? O que sua mãe e a corja dela e inclusive você fizeram com todos aqueles meninos e meninas não configura melhor o conceito de sacanagem? – disse Sabrina.

Francina começou a querer agredir Sabrina e avançou pra cima dela.

- Sua moradora de rua! Indigente! Marginal! – disse Francina.

Sabrina detestava violência, mas como Francina estava apelando para agressão física e lhe proferindo insultos, Sabrina revidou e deu uma bela coça em Francina. Orlando também ajudou a sua amada, impedindo que ela fosse atacada. O namoradinho da

Francina era da turma do “deixa disso” e a única coisa que ele fazia era tentar apartar Francina de Sabrina.

- Isso é por você dedurar a mim e o Orlando naquele dia em que fugimos! E isso aqui é por você prejudicar as outras crianças lá. E se você quiser brigar, aprenda a brigar de verdade. Ficar usando somente as unhas nessas horas é coisa de patricinha. Não dá nem graça brigar com você. Agora não se meta mais a besta de vir mexer com quem está quieto! – disse Sabrina.

- Isso é o que você leva por insultar a minha mulher. Eu não bato em ninguém do sexo oposto, mas a coisa vai ficar bem feia pro seu lado se você tentar agredi-la novamente. – disse Orlando.

Sabrina venceu mais essa. Francina começou a dar chilique.

- Vamos embora, Paulênio. Eu não estou mais com cabeça para faculdade hoje. Depois eu pego a matéria com alguém. – disse Francina.

- Vamos, meu bem. Hoje já deu o que tinha que dar. – disse Paulênio.

Eles saíram pisando duro, com aquele jeito de gente que gosta de dar chilique.

Sabrina e Orlando caíram na gaitada.

- *“Vamos embora, Paulênio. Eu não estou com cabeça para faculdade hoje”*. – imitou Sabrina, ironicamente.

- Vai mexer com quem está quieto, agora toma na cara. – disse Orlando.

- Ai, ai. Essa daí não está preparada para a vida. Eu é que não me dou ao luxo de simplesmente matar aula e perder matéria. Estudar é um privilégio. Adquirir conhecimento é tudo de bom. – disse Sabrina.

- É muita urucubaca mesmo essa mulher estar aqui na mesma faculdade nossa. – disse Orlando.

- Ela que não se atreva a vir pra cima de nós. Isso que aconteceu hoje vai render boletim de ocorrência na polícia. Eu faço mesmo. – disse Sabrina.

- E esse namoradinho dela aí então. A impressão que eu tenho é de que ele tem o jeitinho. – disse Orlando.

- Sério mesmo. Eu fiquei na dúvida se ele é Victor ou Victoria. – disse Sabrina, rindo.

- Vai ver ele é as duas coisas. – disse Orlando, rindo.

Sabrina na turma de Enfermagem. Orlando na turma de Biomedicina. O primeiro período da faculdade estava sendo tudo de bom. Ambos estavam amando seus

respectivos cursos, realizando seus sonhos de vida, enfim. Tanto Sabrina quanto Orlando eram alunos muito aplicados e inteligentes, eram como que nerds. O fato de estarem na faculdade elevou significativamente a autoestima deles. Eles estavam mais elegantes, mais classudos, mais posudos, mais autoconfiantes. Mas sem perder a humildade e a essência original.

Sabrina e Orlando escreveram uma carta para Valentina e Valentino, contando todas as novidades.

Reduto, 05 de março.

Meus queridos, Valentina e Valentino,

Ficamos felicíssimos em receber a carta de vocês. Para nós, vocês já são nossos filhos. Também ficamos felizes em saber que nesse ínterim, vocês estão sendo bem tratados aí na instituição. E estamos repletos de novidades para contar.

Nós passamos no vestibular, e agora estamos oficialmente estudando na faculdade. É muito legal e estamos aprendendo um monte de coisas novas. Ah, e nós também já casamos. Só no papel, e depois fomos passear uns dias no Rio de Janeiro. Até colocamos no envelope umas fotos para vocês verem. A viagem foi uma delícia, a gente viu muita coisa bonita e passeamos na praia. Quando vocês vierem morar com a gente, prometemos levar vocês

para conhecerem lá e também um monte de outras cidades bonitas. Ah, e podem começar a comemorar. Falta pouco mesmo para o processo de adoção ser concluído.

Beijinhos com gosto de morango com chocolate

Assinado: Sabrina e Orlando.

Capítulo 14

Pode adotar sim

Depois de um considerável tempo de espera dos trâmites, finalmente Valentina e Valentino seriam oficialmente filhos de Sabrina e Orlando. Felicidade demais. A casa se preparava para a chegada dos filhos.

Finalmente chegou o tão esperado dia. Sabrina e Orlando foram à Limeira buscar as crianças, que aguardavam ansiosamente. Momento emocionante. Os gêmeos não eram mais órfãos.

Sabrina e Orlando chegaram à instituição, que agora estava com novos ares e sob nova direção. Valentina e Valentino correram ao encontro de seus novos pais e abraçaram-nos. Muita felicidade.

- Meus meninos, como vocês cresceram. – disse Sabrina.

- Que saudade de vocês. – disse Orlando.

- Nós guardamos todas as cartas que vocês mandaram. – disse Valentino.

- E nós também guardamos todas as que vocês nos mandaram. Os desenhos que vocês fizeram são lindos. – disse Orlando.

- Sabrina, a sua letra é linda. E o perfume que você coloca nas cartas é muito cheiroso. – disse Valentina.

- Obrigada, meu amor. – disse Sabrina.

Então Valentino e Valentina se despediram dos seus amiguinhos da instituição e também das “tias”, que dessa vez eram pessoas muito boas.

Após os abraços, os beijos e as lágrimas de emoção dos que ficaram, Valentina, Valentino, Sabrina e Orlando saíram juntos. A mais nova família. Os Barreto-Teles.

Então, os Barreto-Teles foram para a casa deles em Reduto. Uma família feliz e cheia de amor para dar. Sabrina e Orlando, mesmo sendo pais de primeira viagem, estavam se saindo muito bem nessa missão. Criando muito bem suas crias.

A lei estava a favor dos pais adotivos, logo Sabrina e Orlando ganharam uma licença-maternidade e paternidade respectivamente de cento e vinte dias. Só para constar, tratava-se de uma licença remunerada. O que era ótimo, pois assim eles podiam se adaptar a nova

vida de pais e também passar mais tempo com as crianças, conhecendo-as melhor e tudo mais.

Sabrina e Orlando eram os melhores pais que Valentina e Valentino poderiam ter. Muito amor e carinho, uma vida confortável, e uma educação de britânicos. Os gêmeos eram crianças adoráveis. Muito lindos, educados, nunca brigaram entre si, e acima de tudo eram bem inteligentes.

Valentina e Valentino foram matriculados na escola em Reduto. Embora fosse uma escola pública de vilarejo interiorano, o ensino até que era bom. Os professores ensinavam bem e o colégio tinha infraestrutura considerável.

Como Sabrina e Orlando estudavam à noite, eles contrataram uma pessoa de confiança para cuidar das crianças enquanto estivessem na faculdade. Porque Valentina e Valentino tinham apenas seis anos, eram relativamente muito novos para ir com os pais para a faculdade e voltar tarde. Criança precisa dormir cedo. Quando eles fossem maiorzinhos, eles poderiam ir com Sabrina e Orlando.

Capítulo 15

Preconceito feio

Sabrina e Orlando estavam indo muito bem na faculdade. Se dedicando ao máximo aos seus respectivos cursos, aprendendo um mundo de possibilidades, adquirindo conhecimento, fazendo amizades. Como Sabrina era de Enfermagem e Orlando era de Biomedicina, volta e meia eles se uniam para estudar juntos e trocar umas figurinhas, visto que seus cursos eram da área da saúde. Casalzinho se ajudando e compartilhando conhecimento.

Quando eles chegavam em casa, seus filhos se encontravam dormindo. Só dava mesmo para ir dar um beijo neles quando chegassem, e esperar o dia seguinte para se falarem. Mas dos males o menor, os cento e vinte dias de licença-maternidade ainda estavam vigentes, então era possível aproveitar muito. E quando a licença acabasse, não seria mau. Pois Sabrina e Orlando trabalhavam apenas duas vezes por semana. Mesmo trabalhando e estudando, era possível para eles serem pais bastante presentes na vida de seus filhos.

Mas no meio dessa felicidade toda, Sabrina e Orlando ainda iriam enfrentar uns maus pedaços na faculdade. Francina e seu namorado, o Paulênio, não

deixariam Sabrina e Orlando em paz. Dos males o menor, eles não eram da turma de Sabrina ou de Orlando, e nem tampouco da Enfermagem e Biomedicina. Francina e Paulênio cursavam Engenharia Civil. Mas mesmo em um curso diferente, eles iriam importunar Sabrina e Orlando. O negócio se deu assim. Francina e Paulênio tinham a rodinha de amiguinhos mauricinhos e patricinhas. E falaram para esses amigos acerca de Sabrina e Orlando e sobre o fato de eles serem moradores de rua. E ainda por cima, referiam-se à Sabrina como criminosa pelo fato de ela já ter andado no reformatório quando adolescente. Partindo desses pressupostos, haveria certo preconceito contra Sabrina e Orlando. Esse grupinho liderado por Florinda e Paulênio passou a ser bastante inconveniente. A começar pelos risinhos e ficarem indicando Sabrina e Orlando. Como apontar com o dedo é feio, eles apontavam era com o beijo mesmo. Sabrina e Orlando percebiam a provocação, mas procuravam ignorar.

Mas haveria coisas que não seriam resolvidas somente ignorando-as. Os mauricinhos e as patricinhas iriam pegar muito pesado com eles.

Noite comum na faculdade. Sabrina tinha ido à biblioteca para consultar uns livros. No caminho, aconteceram umas coisas muito estranhas. Um rapaz foi até ela e lhe deu uma moeda de dez centavos.

- Hei, volta aqui. Por que você está me dando isso?
– perguntou Sabrina. Não obteve respostas.

Mais para frente, outra pessoa deu para Sabrina uma moeda de cinco centavos.

- Eu não quero isso. Porque você está me dando essa moeda? – disse Sabrina.

- Para você juntar para comprar um sanduíche, um café, alguma coisa. Você deve passar necessidades. – disse a pessoa.

A princípio, Sabrina ficou sem entender. Mas quando a segunda pessoa que lhe deu a moeda disse aquilo, então tudo fez sentido. Tinha dedo da Francina no meio.

- Então você pega essa sua moeda e enfia ela lá no... Prefiro nem falar. – disse Sabrina, irritada, e saiu.

Coincidentemente, isso também aconteceu com Orlando. A mesma coisa. Umas pessoas lá dando moedas de cinco centavos para ele.

Na hora do intervalo, Sabrina e Orlando se encontraram. Sabrina estava bastante chateada.

- Orlando, aconteceu uma coisa muito estranha. Umas duas pessoas que não são da minha turma foram até mim e uma delas me deu dez centavos e a outra deu

cinco. Eu não entendi a princípio, mas depois uma delas disse que era para eu comprar alguma coisa de comer, porque parecia que eu passava fome. Isso só pode ser coisa da Francina. Ela certamente contou para os amiguinhos dela que nós já moramos na rua no passado. E isso é degradante. Era só o que me faltava sofrer preconceito por isso. O negócio me meteu tanta raiva que eu quase falei um negócio imoral ali. Segurei-me. Tem que ser superior. – disse Sabrina.

- Hoje também fizeram isso comigo. Deram-me moeda do nada. Sem dúvida a Francina está de conchavo com esses amiguinhos dela para juntos discriminarem a gente. – disse Orlando.

- Eu pensei que teria paz na faculdade, mas essa Francina me aparece dos quinto dos infernos pra nos importunar. Por que ela não estuda lá em Limeira que é a terra dela? Que diabo ela quer com Americana? – disse Sabrina.

- Deve ser porque lá em Limeira ela deve estar mais suja que pau de galinheiro. O caso do orfanato rendeu repercussão na mídia. Com certeza alguém a reconheceu na rua e deu umas na cara dela. Esse tipo de caso causa comoção popular, o povão toma as dores daquelas crianças. E ela até cortou o cabelo para ficar diferente. – disse Orlando.

- Faz sentido. – disse Sabrina.

- Não fica triste, meu bem. Eu vou proteger você. E além do mais, se isso persistir, precisamos denunciar porque configura caso de bullying. – disse Orlando para Sabrina, e a beijou na testa.

Depois da aula, eles pegaram o ônibus de volta para Reduto. Lar doce lar. Assim que chegaram em casa, a babá voltou para a casa dela. Valentina e Valentino se encontravam dormindo profundamente. Sabrina e Orlando foram até eles para lhes dar um beijo de boa noite.

- Simpáticos até mesmo dormindo. – disse Orlando.

- Uns anjos em miniatura. – disse Sabrina.

Após jantarem alguma coisa, Sabrina e Orlando também foram dormir. No dia seguinte, acordaram todos para o café-da-manhã. As crianças estudavam de manhã, e não tinham problemas em acordar cedo. Levantavam-se prontamente, tomavam banho e se arrumavam. Eram bastante independentes quanto ao banho e ao se vestirem, mas Sabrina ainda dava uma ajuda na imagem pessoal deles, para que eles se parecessem como príncipes e princesas. Enquanto isso, Orlando colocava a mesa para o café-da-manhã.

- Bom dia, flores do dia. – disse Sabrina.

- Bom dia. Dormiu bem? – perguntou Valentino.

- Sim, sim. Obrigada. E vocês? – disse Sabrina.

- Otimamente e perfeitamente. – disse Valentina.

Juntaram-se todos à mesa para tomar café-da-manhã.

- Como foi a aula de vocês na faculdade? – perguntou Valentino.

Sabrina e Orlando logicamente omitiram as situações desagradáveis de discriminação e falaram apenas sobre o conhecimento adquirido e o lado bom da faculdade.

- Muito boa. Aprendemos muita coisa nova. – disse Orlando.

- Pois é. Estamos vendo sobre Anatomia. – disse Sabrina.

- O que é Anatomia? – perguntou Valentina.

- O estudo do corpo humano. É muito fascinante. Mas e vocês, meninos? O que andam aprendendo na escola? – disse Orlando.

- Um monte de coisa legal. Em português estamos aprendendo sobre substantivos coletivos. – disse Valentino.

- Coletivo de abelhas? – disse Sabrina.

- Enxame. – respondeu Valentina.
 - Coletivo de bois? – disse Orlando.
 - Manada. – disse Valentino.
 - Coletivo de porcos? – disse Sabrina.
 - Vara. – responderam Valentina e Valentino.
 - Coletivo de estrelas? – disse Orlando.
 - Constelação. – disse Valentina.
 - Mas que meninos inteligentes! – disse Orlando.
 - Agora eu quero ver se vocês acertam essa.
- Coletivo de ilhas. – disse Sabrina.

Valentina e Valentino pensaram, pensaram.

- Ih, agora você nos pegou. – disse Valentino.
- Arquipélago, meus amores. Coletivo de ilhas é arquipélago. – disse Sabrina.
- Isso a professora não ensinou. – disse Valentina.
- Nem sempre dá para ensinar tudo de uma vez. Mas vocês estão bastante afiados no assunto. Parabéns. – disse Orlando.

Após o café da manhã, Sabrina e Orlando levaram as crianças para a escola.

Aquele dia foi bastante normal. Sabrina e Orlando tentavam desanuviar dos problemas enfrentados na faculdade em virtude do preconceito que sofriam. À tarde, Valentina e Valentino ficaram brincando depois de fazerem a lição de casa.

À noite, Sabrina e Orlando foram para a faculdade. E os episódios de discriminação continuavam. Primeiro foi com Orlando. Aquele lance da moeda de esmola.

- Pode tratar de levar isso de volta. Se liga, manezão. – disse Orlando.

E com Sabrina, o bullying foi bem mais pesado. Ela tinha ido ao toalete. Do lado de fora onde ficavam os espelhos, Francina e uma amiga estavam conversando e falando mal da Sabrina. Sabrina, que não era burra nem nada, ligou o gravador de som que estava em sua bolsa e coletou uma prova do bullying que estava sofrendo.

- Aquela Sabrina é muito estranha. Então quer dizer que ela veio lá do orfanato da sua mãe. – disse a amiga de Francina.

- Pois é. Nunca fui com a cara dela. Pensa numa menina prepotente. Ela com aquele namoradinho dela, o Orlando. Metidos a idealistas, mas sempre se davam mal.

Aí eles fugiram de lá para morar na rua. Viveram como mendigos. Aí certa feita Sabrina foi roubar e acabou indo parar no reformatório. Ela é ex-detenta. Ela tem essa carinha de santa e esse jeitinho de heroína, mas não se engane. Depois que saiu do reformatório, foi se enfiar num meio de mato onde vive até hoje. De mendiga passou pra caipira da roça. Aí anos depois ela achou o Orlando na rua e levou ele pra morar dentro da casa dela. Essa daí não perde tempo, toda metida à santinha, mas levou um homem pra dentro da casa dela. Dois mendigos que se merecem. Essa raça é igual pombo e rato, só polui a cidade. Depois eles querem invadir nossa área, frequentar os mesmos lugares que frequentamos, e tomar a vaga dos outros na faculdade. Essa faculdade está decadente, essa faculdade já foi mais seletiva antes. – disse Francina.

- Vamos condecora-la como rainha dos mendigos. Sim, pois ela tirou aquele Orlando da rua e levou pra casa dela, o ajudou a se reerguer na vida. Eita filantropia das boas. – disse a amiga de Francina.

- Filantropia mesmo. E ela faz jus ao título de rainha dos mendigos. Não foi só o Orlando que ela pôs na casa dela não. Ela tirou duas crianças remelentas de lá da instituição da minha mãe. Toda heroína lá, salvando um caszinho de gêmeos insuportáveis, uns fedelhos prepotentes que lembravam ela e Orlando quando eram mais novos. – disse Francina.

- Eu acertei mesmo no título que dei pra ela. Sabrina, a rainha dos mendigos. – disse a amiga de Francina.

- E vê se toma cuidado. Não deixa coisa de valor perto dela, senão ela passa a mão numa questão de tempo. Não esqueça que uma vez ladra, sempre ladra. – disse Francina.

- Ela tem uma cara de marginal mesmo. E eu nunca vou deixar nada meu perto dela. Hei, eu tenho que ir andando. Encontre-me na lanchonete. – disse a amiga de Francina.

- Sim, sim, eu só vou terminar de retocar a minha maquiagem. – disse Francina.

E as duas riam debochadamente. Sabrina ainda se encontrava dentro do banheiro, ouvindo tudo e gravando tudo. Aquelas palavras a fizeram chorar. Era terrível. Mil vezes pior do que um tapa na cara. Pior de tudo, é que elas tiveram a crueldade de colocar os filhos de Sabrina no meio da história.

Francina e Sabrina ficaram sozinhas no banheiro, e foi a hora do acerto de contas.

- Você vai precisar de muito reboco na cara depois da surra que eu vou te dar. – disse Sabrina.

- Ah, você. – disse Francina.

- Olha aqui Francina. Sobre mim eu até posso tentar ignorar, nem sujo as minhas mãos. Agora você se meter com os meus filhos não! – disse Sabrina, sentando a mão na cara da Francina. Francina ia revidar o tapa, mas Sabrina segurou o braço dela a impedindo.

- Ah, e nem se atreva a tocar no meu rostinho virgem que nunca levou um tapa e nem vai levar. Não pense que vai ficar por isso mesmo. Você, o viado do seu namorado e seus amiguinhos ridículos vão se ferrar bonito nessa história! – disse Sabrina.

- Você é quem vai pagar caro por esse tapa que você me deu. – disse Francina.

- Veremos, Francina. Veremos. – disse Sabrina.

Na hora do intervalo, Sabrina foi logo se encontrar com Orlando para desabafar. Ela chorava copiosamente.

- O que aconteceu, meu amor? Por que você está chorando? Posso até imaginar, é a Francina. O que ela disse para você? – perguntava Orlando.

- Para mim não, mas de mim. Eu estava no banheiro, aí do lado de fora estavam a Francina e uma amiga patricinha igual a ela. Certamente retocando a maquiagem no espelho. E eu as ouvi falando mal de mim. Fui chamada de estranha, mendiga, caipira da roça, ex-detenta, ladra, rainha dos mendigos. Elas ficaram se rindo

de mim. Pior ainda, elas colocaram nossos filhos no meio. Referiram-se a eles como remelentos, fedelhos, mendigos. Isso eu não tolerarei. Assim que a Francina ficou sozinha comigo no banheiro, eu virei o tapa na cara dela. Ninguém que se atreva a se meter a besta com meus filhos. Hoje estou tendo um dia de cão. Minha autoestima foi parar debaixo da minha sandália. O pior de tudo é que fazem questão de lembrar que eu estive no reformatório. Algo que eu não me orgulho nada, ainda que na minha consciência eu saiba que eu sou inocente. Mas se sabem que eu estive no reformatório, já me veem como uma delinquente, uma criminosa. Eu sinto como se estivesse escrito EX-DETENTA na minha testa em letras garrafais. Mas não foi roubo, foi furto famélico. Por necessidade de sobrevivência. Eu precisava comer. Pensei que teria paz nessa vida, mas estou sofrendo de discriminação na faculdade. E para piorar, com que cara eu vou ter coragem de olhar para os nossos filhos. Não quero que saibam que eu sou uma fracassada que sofre bullying na faculdade. Eu quero inspirar e remeter a eles força e coragem. – disse Sabrina, chorando aos prantos.

- Deita no meu colo. – disse Orlando. Ele ficou acariciando os lindos cabelos cor-de-mel de sua amada, e a consolando. Orlando disse:

- Francina dessa vez passou dos limites. Não vai ficar por isso mesmo. Vamos ter que apelar para medidas drásticas. Mas Sabrina, não aceite os rótulos que te

propuseram. Primeiramente, não é culpa sua se você é órfã. Segundo, você morou na rua porque fugiu dos maus-tratos que a própria mãe da Francina cometia. Terceiro, você é inocente no que diz respeito à acusação de roubo. O seu caso configurava furto famélico, e não há pena para furto famélico. Subtrair produto de natureza alimentícia para suprir necessidade de sobrevivência. Não é crime. Sabrina, você é um exemplo de guerreira. Mesmo diante das dificuldades você conseguiu se reerguer e resgatar sua dignidade. Fez curso, estudou, conseguiu trabalho, conseguiu moradia, enfim. Uma vida digna. E você me encontrou ainda morando na rua e ofereceu total apoio a mim. Pare de se sentir mal pelo fato de ter passado pelo reformatório. Lembre-se que a Francina esteve recentemente na cadeia. Tudo isso que ela e os amigos dela estão fazendo chama-se bullying. Preconceito. Eu também estou passando por isso. Também fizeram comigo o lance da moeda. Também ficam me apontando, me rotulando. E acerca dos nossos filhos, eles nunca vão te considerar uma fracassada. Nunca mesmo, nem pense em uma besteira dessas. Nossos filhos se orgulham de você. Você, juntamente comigo, tirou aquelas crianças da vida de sofrimento que eles levavam na instituição. Eles te veem como uma heroína nacional, a salvadora da pátria. Então queira parar de complexo de inferioridade. Você não é estranha, você não é da roça. O fato de morarmos em um vilarejo não nos faz campônios. E ainda que fôssemos

campônios, o respeito é bonito e cabe a todos. *Don't worry, baby*. Você pode contar com a minha proteção. Não vou permitir que a Francina, o Paulênio ou algum daqueles amigos ridículos deles façam nada contra você. Eu prometo. – disse Orlando.

- Obrigada, amor. Obrigada pela força. Você me faz sentir protegida. – disse Sabrina. Ela e Orlando se beijaram apaixonadamente.

- Vamos fazer outro boletim de ocorrência. Também vamos prestar queixa ao diretor da faculdade. – disse Orlando.

- A boa notícia no meio disso tudo é que eu liguei o gravador de som bem na hora. Ele estava na minha bolsa em hora bem conveniente. – disse Sabrina.

- Melhor ainda. Esse gravador novamente sendo usado em nosso favor. – disse Orlando.

- Gravadorzinho sacana esse, hein. – disse Sabrina, rindo.

- Agora você está rindo. – disse Orlando, rindo.

Sabrina e Orlando foram prestar queixa ao diretor da faculdade.

- Boa noite. Em que posso ser útil? – disse o diretor.

- Boa noite. Chamo-me Sabrina Barreto Teles, sou discente do primeiro período do curso de Enfermagem. – apresentou-se Sabrina.

- Chamo-me Orlando Teles, discente do primeiro período do curso de Biomedicina. Somos casados. Gostaríamos de fazer uma queixa contra um grupo de alunos do curso de Engenharia Civil. Estamos sendo discriminados por eles. Foram vários episódios desconfortáveis. Nos discriminam pelo fato de termos sido moradores de rua no passado. Nessa semana mesmo, alguns deles começaram a ficar dando moedas de cinco ou dez centavos tanto para mim quanto para a minha esposa, como forma de nos constranger. Também nos apontam e nos proferem comentários de cunho pejorativo. E agora há pouco aconteceu um episódio lamentável. Minha esposa conseguiu gravar tudo o que foi dito. Na gravação, nós somos discriminados e também discriminam nossos filhos. Elas ofenderam os nossos filhos. – disse Orlando.

Sabrina mostrou a gravação da conversa entre Francina e a amiga dela para o diretor, que ouviu com muita atenção.

- Aqui está. Tive sorte de estar com o gravador dentro da bolsa na ocasião. E além de tudo isso mencionado, tudo isso se dá pelo fato de ela ser filha da diretora do orfanato onde Orlando e eu morávamos. Lá

sofremos maus tratos e tudo mais. Ela já nos odiava daquela época. E recentemente denunciemos os maus-tratos na instituição. A mãe dela e as demais funcionárias foram presas. Ela também, por desacato a autoridade. Então o motivo para a perseguição. Ou seja, um assunto levado para o lado pessoal. Mas também ela, o namorado cujo nome é Paulênio e mais um grupo de colegas deles nos discrimina pelo fato de termos sido moradores de rua em um passado nada remoto. E no meu caso, a discriminação é maior pelo fato de eu ter passado pelo reformatório na minha adolescência sob a acusação de roubo quando na verdade se tratava de furto famélico, sendo que o mesmo não configura crime. E como eu tinha relatado, sobre hoje, elas chamaram-me ladra. O fato é que tanto eu quanto o meu marido estamos sendo vítimas de bullying e preconceito, e é uma situação que perdura há dias. A princípio, procurávamos ignorar, mas o caso foi ficando mais sério. – disse Sabrina.

- Vocês fizeram muito bem em denunciar. Bullying não deve ser ignorado de maneira alguma. Tomarei as medidas cabíveis. Não se preocupem, esses alunos terão de arcar com as consequências. E eu recomendo que vocês entrem com uma ação na justiça contra eles. – disse o diretor.

- Muito obrigado. – disse Orlando.

- Muito obrigada. – disse Sabrina.

E assim foi. Sabrina e Orlando também entrariam com uma ação na justiça para processar Francina, Paulênio e seus amiguinhos metidos a grã-finos.

Naquela noite, eles foram tranquilos para a casa, na certeza de que a justiça seria feita. Eles estavam mais calmos. Sabrina, que antes estava em prantos, agora sorria por dentro. Não apenas por ter denunciado, mas também graças ao apoio de Orlando.

O caszinho passou a viagem de volta para a casa com as mãos dadas e no maior clima romântico. E quando chegaram em casa, foi aquela história do “hoje tem”.

Essa novela doida teve um desfecho feliz. Francina, Paulênio, e os amiguinhos deles foram expulsos da faculdade. Sabrina e Orlando finalmente tiveram paz em seu ambiente de estudos. Nunca mais sofreram bullying nem preconceito. Agora era só coisas boas. Experiências maravilhosas, cultivo de amizades, conhecimento adquirido, enfim. Momentos incríveis.

Capítulo 16

A reconciliação

Todos em Reduto já sabiam da trama rocambolesca que foi o relacionamento de Maria da Conceição com o Suíço. Uma novela doida. Mas também todos sabiam que eles formavam um caszinho lindo, porém que infelizmente a relação deles deu ruim.

Mas que o Suíço estava cortando um dobrado, isso ele estava. Pela escolha errada, agora ele estava pagando. Isaura, sua atual, no começo da relação era só chamego. Assim que ele terminara com Maria da Conceição, Isaura aproveitou para chegar junto e lançar o feitiço. No começo da relação dos dois, estava tudo lindo, maravilhoso, até porque Isaura queria impressionar para segurar o homem. Mas depois que ela conquistou o que queria, ela se acomodou. Não só isso, ela também mostrou sua verdadeira faceta. De moça doce e meiga, passou a se revelar uma pessoa grosseira e uma figura terrível. Maria da Conceição mesmo contara a história para Sabrina e Orlando naquele dia.

Acerca de Maria da Conceição, depois que sua relação com Suíço teve um fim, ela nunca mais tivera sorte no amor. Ela até teve um namorado lá, ficou um tempo com ele, mas não deu certo. Ela não o amava

verdadeiramente. Maria da Conceição negava até o fim, mas não admitia que ainda amava o Suíço. E Suíço, apesar de tudo aquilo citado anteriormente, ainda amava Maria da Conceição. Mas como acreditara numa mentira de terceiros, ele a deixou. Mas se arrependera tanto disso. Maria da Conceição pensava que Suíço nunca a amou verdadeiramente, pois uma fofoca foi capaz de separá-los, e agora, o bonitão estava lá vivendo junto com Isaura. Logo, ela pensava que amava sozinha, e que o melhor que tinha a fazer era matar esse amor. Sabe de nada, inocente. Mal sabia ela que Suíço ainda era caído de amores por ela.

Como não havia amor verdadeiro entre Suíço e Isaura, e principalmente pelo fato de Isaura ser uma pessoa tão prepotente e cavala, o relacionamento deles terminou. Suíço percebera que Isaura era uma canalha como pessoa não só com ele em casa, mas também com os outros de fora. Na rua, no trabalho, com seus alunos. E além do mais, ela não tinha a menor consideração pelo pai dele. Não era com esse tipo de pessoa que ele queria passar o resto de sua vida. Então, um belo dia, eles resolveram se separar. A cidade inteira soube do assunto, que era o mais comentado dos últimos dias. Só se falava nisso.

- O Suíço largou de ser besta. Foi o melhor negócio que ele fez. – disse Sabrina.

- Concordo plenamente. Uma mulher daquelas, até eu mandava ir pastar. Agora o caminho está livre para Maria da Conceição. – disse Orlando.

- Acho pouco provável que ela queira voltar para ele. O amor próprio não deixa. E além do mais, não faz o tipo da Maria da Conceição ir chegar junto de um homem recém-separado. Isso é a cara da Isaura. Eu concordo que Maria da Conceição e Suíço formam um caszinho lindo, e os dois têm química e está escrito na testa deles que eles ainda se gostam. Mas cá pra nós, o Suíço não é nenhum santo. Preferiu acreditar numa doida aleatória desconhecida que disse a ele que a Maria da Conceição andava bebendo cachaça lá em Iracemápolis do que na palavra da própria Maria da Conceição, cuja moral é ilibada. Então, é uma sinuca de bico. Torço para que eles fiquem juntos, mas não dá pra esquecer que o Suíço vacilou bonito nessa história. – disse Sabrina.

- Isso tu dissestes com verdade. Mas vale lembrar que todo mundo erra. É da natureza do ser humano, nós humanos cometemos equívocos. O Suíço fez cagada, mas também merece perdão. Por mais que ele tenha errado, acredite, há erros piores. Se ele traísse a Maria da Conceição, ou batesse nela, ou tivesse ciúme possessivo, aí sim era motivos plausíveis para ela nunca mais olhar na cara dele. – disse Orlando.

- Tem razão, Orlando. Tomara que o Suíço volte para a Maria da Conceição. – disse Sabrina.

Até Valentina e Valentino tinham a opinião para o caso.

- É bom mesmo que ela largou da Isaura. Aquela mulher é muito chata. Eu não gosto dela. – disse Valentina.

- Concordo plenamente. Ele tem que ficar com a Maria da Conceição. – disse Valentino.

- Gente, mas esses meninos estão por dentro do negócio. Mas que inteligência superior. – disse Orlando.

- Somos crianças, mas não nascemos ontem. Subestimam-nos, mas nós observamos além do que os adultos observam. – disse Valentina.

- Muito bem. Eu sei que as crianças são inteligentes e sabem das coisas. Os adultos é que são meio tapados às vezes. – disse Sabrina.

Como todos na cidade, Maria da Conceição também ficou sabendo que o Suíço terminou com a Isaura.

- Bem feito. Agora toma. – disse Maria da Conceição, para si mesma.

Maria da Conceição não tinha a pretensão de voltar para o Suíço. Mas não lhe faltava vontade. Mas o orgulho próprio não deixava. Segundo ela, um relacionamento sem confiança não dava certo.

Enquanto isso, Suíço se recuperava da fossa. Nos primeiros dias, era um tal de *Boate Azul* e *Telefone Mudo*. Mas ele não estava nessa sofrência toda por causa da Isaura. E sim por causa de Maria da Conceição. Ele ainda gostava dela, e percebeu que havia sido um asno ao acreditar na fofoca de uma doida varrida. Ai que burro! Mas ele tinha medo de procurar Maria da Conceição. Primeiro porque o seu término com Isaura foi muito recente, e isso seria cafajestagem. Depois porque ele tinha receio, pois o que ele fizera com Maria da Conceição não tinha perdão. Com que cara ele apareceria perante ela?

Enquanto isso, Isaura estava fura de raiva. Depois do rompimento, ela falava horrores do seu ex, o Suíço. Detonou com o homem, falou o bicho sobre ele. Só não xingou de santo. Queimou o filme do Suíço em Reduto. Mas a palavra de Isaura não tinha nenhuma credibilidade. Todo mundo sabia que ela era uma pessoa crica, ninguém gostava dela lá no vilarejo. Já o Suíço tinha carisma, era muito querido pelo povo e amigo de todos.

O fato é que tudo isso parecia mais uma novela mexicana das mais rocambolescas. Onde tanto Suíço

quanto Maria da Conceição estavam sofrendo paralelamente.

Mas Maria da Conceição estava disposta a tomar uma decisão crucial em sua vida. Ela estava disposta a esquecer de vez o Suíço. Logo, ela tomou a decisão de ir embora da cidade. No fundo, ela tinha imensa vontade de procurar o Suíço e se reconciliar com ele. Mas simultaneamente, o orgulho não deixava. Era uma queda-de-braço entre seus sentimentos. Pura loucura. A consciência tomando forma de um anjinho e um diabinho, um em cada ombro defendendo suas teses. Maria da Conceição também estava na sofrência. E então ela tomou que ela julgava ser a mais sensata. Ir embora de Reduto. Reconstruir a vida em outro lugar, buscar um outro amor. Quando Sabrina soube que a sua melhor amiga iria embora, foi um quiproquó danado.

- Mas que diabo você pensa que está fazendo? Como assim ir embora? – dizia Sabrina, sem entender nada.

- É necessário. Preciso fugir disso tudo que está me fazendo mal. Ir embora de Reduto é a única opção que eu tenho para esquecer o Suíço. – disse Maria da Conceição.

- Entendo perfeitamente. Esses amores rocambolescos nos fazem isso. – disse Sabrina.

- Você não sabe nada sobre amores rocambolescos por experiência própria. Você tem sorte. O Orlando foi seu primeiro namorado, e até hoje vocês estão juntos. Casados, felizes e com dois filhos lindos. Você é sortuda por nunca ter se desentendido com seu amor e nem sofrido decepções. – disse Maria da Conceição.

- Tenho que admitir que eu tive muita sorte. Nosso relacionamento deu certo porque primeiramente e acima de tudo, somos amigos. Amizade é imprescindível. Se uma pessoa não presta para ser seu amigo, muito menos ela vai prestar para ser seu namorado. Mas voltando ao seu assunto. O meu conselho é que você siga seu coração. Seus instintos. Faça o que você julgar melhor para você e sua felicidade. Eu não vou ficar atirando, dizendo ou para você voltar com o Suíço ou para você mandar ele pastar. Essa decisão cabe apenas a você. Consulte seu coração. – disse Sabrina.

- Minha decisão está tomada. Vou mesmo embora. Mas continuaremos sempre em contato. Vamos nos falar muito pela internet. E quando puder, vai me visitar. E eu também venho passear aqui para ver vocês. – disse Maria da Conceição.

E assim foi. Maria da Conceição se preparava para viajar.

Enquanto isso, Sabrina e Orlando comentavam sobre o assunto.

- Então quer dizer que ela vai mesmo embora de Reduto. Grande burrada. – disse Orlando.

- Bota burrada nisso. Tomara que a Concessa perceba isso a tempo. – disse Sabrina.

- O Suíço sabe? – perguntou Orlando.

- Se ele sabe, ele está com medo de ir procurar a Maria da Conceição. – disse Sabrina.

- Lembrei agora no nosso casamento, quando convidamos eles para serem nossos padrinhos. Eles ficaram muito sem graça, mas ao mesmo tempo percebia-se que eles ainda se gostavam. Rolou até umas piadas lá no meio. Foi meio estranho para eles, mas que aqueles dois se gostam, isso eles se gostam. – disse Orlando.

- É lamentável ver duas pessoas que se amam não perceberem a besteira que estão fazendo. – disse Sabrina.

- Não quero nem saber. Eu vou lá falar com o Suíço. Aconselho mesmo e me meto mesmo. - disse Orlando.

- Isso, Orlando. Vai lá ver se você enfia um pouco de juízo naquela cabeça obstinada do Suíço. Foi pela

burrada dele que a Maria da Conceição não quer mais saber dele nem pintado de azul. – disse Sabrina.

E assim foi. Orlando foi até a casa do Suíço.

- Salve, salve. Beleza, mano? – disse Suíço.

- Vejo que você está por dentro das gírias brasileiras. Altas tretas, mano. – disse Orlando.

- Muitos anos morando no Brasil, a gente acaba aprendendo. – disse Suíço.

- Suíço, eu não sei se você sabe. Mas a Maria da Conceição vai embora de Reduto definitivamente. – disse Orlando.

- Sério? Não creio! Mas por quê? – disse Suíço, muito surpreso.

- Ah, vá. Você tem certeza de que não sabe o motivo? Você é tonto! Ela está indo embora porque não consegue te esquecer. Ela ainda ama você, mas não tem coragem de admitir para si mesma. Lógico, pois depois da cagada que você fez, é evidente que ela esteja na defensiva com você. Mas como você é burro, Suíço! Orelhudo! A Maria da Conceição nunca bebeu cachaça. Você preferiu acreditar numa doida desconhecida do que na sua própria namorada! Mas a boa notícia é que você pode consertar a lambança que você fez. Mas atenção, o tempo é curto. A Conceição vai no ônibus de hoje no final

da tarde. Ainda dá tempo de convencê-la a ficar. Então vê se pensa rápido. – disse Orlando.

- Não preciso nem pensar. A Concessa só vai sair de Reduto se for para ir para a Suíça junto comigo. – disse o Suíço.

Naquele final de tarde, Maria da Conceição tomou o ônibus para ir embora de Reduto. O ônibus ainda ficou parado por um bocado de tempo, esperando dar a hora de sair. Então Suíço foi correndo até lá para tentar impedir a partida de Maria da Conceição. Sabrina, Orlando, Valentino e Valentina foram assistir tudo de perto.

- Essa eu quero ver de camarote. – disse Orlando.

- Camarote VIP. – disse Sabrina.

- Será que a Maria da Conceição vai ficar com o Suíço? – perguntou Valentino.

- Claro que vai. Eles se amam. Ela vai ficar com o Suíço, e a Isaura vai ficar sozinha. – disse Valentina.

- Todos a postos com nossos óculos 3D e nossas pipocas, porque vai ser excitante. – disse Valentino.

Suíço, do lado de fora, começou a gritar declarando seu amor.

- Não vai embora não, Concessa! Fica comigo! Me perdoa! Eu fui um asno! – disse Suíço.

- Que raios você pensa que está fazendo?! Suíço, que foi que deu em você? Tu tá pagando mico. – disse Maria da Conceição.

- Tô pagando mico mesmo. E sabe, estou pouco me lixando! Não vá embora. Eu te amo. – disse Suíço.

- Ama nada! Onde há amor há confiança! E por conta de uma fofoca com alto teor de leviandade, você me dispensou da sua vida! Eu nunca coloquei uma gota sequer de álcool na boca! Eu tenho aversão a bebida! Se você me amasse, você saberia disso! Confiaria na minha palavra! Eu sofri, eu chorei. Aí com você solteiro na pista, a Isaura lançou o charme e você caiu. Me trocou por aquela feiosa mal amada. Aquela lambocheira, como seu pai mesmo diz. Você não é nenhum santo! E agora que eu estou indo embora, você vem me procurar?! – disse Maria da Conceição.

- O fato é que eu também tive medo de te procurar. Eu percebi a burrada que eu fiz há muito tempo, não foi agora. Mas eu tive medo e vergonha de procurar você. Eu percebi que você era inocente, e que todas aquelas acusações eram todas levianas. Eu acredito em você! Eu é que fui um burro, um asno! Maria da Conceição, fique, por favor! Eu prometo que vou ter confiança em você e não levar mais em consideração as fofocas de terceiros!

Eu errei, mas te peço perdão! Você é o amor da minha vida. – disse Suíço, implorando perante a cidade inteira o perdão de sua amada. Ele inspirava sinceridade em suas palavras e em seu olhar. Maria da Conceição percebeu isso, e até chorou. Ela pegou suas malas, desceu do ônibus e foi até onde estava o Suíço.

- Cala a boca e me beija. – disse Maria da Conceição. Ela e Suíço se beijaram de tirar o fôlego, e o vilarejo inteiro aplaudiu e ovacionou. O Reduto inteiro vibrou em comemoração.

- Eu banquei a durona e indiferente esse tempo todo, mas eu nunca deixei de te amar, Dick. Eu sei o seu nome. Aí, pessoal, pra quem não sabe, o nome de verdade dele é Dick! Eu te perdoo meu amor. – disse Maria da Conceição.

O Reduto presenciou a reconciliação do casalzinho lindo.

Suíço e Maria da Conceição foram para a casa de Maria da Conceição. E lá, eles ficaram brincando na cama. Tiveram certeza do amor deles. Felicidade demais. E tudo se resolveu.

Enquanto isso, Sabrina e Orlando comentavam sobre o assunto.

- Fico feliz pelos dois. Eu sabia que eles ainda iriam se acertar. E você tem grande participação nessa reconciliação. Falou boas verdades pro Suíço. – disse Sabrina.

- Na verdade, eu só dei um empurrãozinho. Quem decidiu mesmo foram eles próprios. – disse Orlando.

- Isaura não curtiu isso. – disse Sabrina.

- Imagino a cara de bunda que ela deve estar. – disse Orlando, rindo.

- Cara de bunda ela já tem todo dia. – disse Sabrina, rindo. Ela e Orlando caíram na gargalhada.

- Agora sério mesmo, imagina que lindo eles casando e se mudando para a Suíça. Ia ser muito fera para eles. – disse Sabrina.

- E imagina que lindo quando você terminar a sua pós-graduação, e nós e os nossos meninos nos mudarmos para Londres. – disse Orlando.

- Nosso sonho. Morar no exterior, conhecer lugares novos. Quando se fala de Inglaterra, os meninos já se interessam logo. E estão querendo aprender Inglês por conta própria, assim como nós. – disse Sabrina.

- Isso me faz lembrar de você, pesquisando tudo sobre Obstetrícia por conta própria. – disse Orlando.

- Nossos filhos, mesmo adotivos, tiveram a quem puxar. – disse Sabrina.

- Eles se parecem muito com a gente em vários aspectos. – disse Orlando.

- Quem olha pensa que eles foram gerados de nós. Mas em parte é verdade. Eles nasceram no nosso coração, e isso é o que importa. – disse Sabrina.

Capítulo 17

O casamento de Maria da Conceição e Suíço

Depois de uma autêntica trama rocambolesca de novela mexicana, finalmente o rocambole seria substituído por bolo de casamento, champanhe e bem-casados. Maria da Conceição e Suíço iriam se casar. Seria o evento do ano em Reduto. Um casório mais esperado do que o da Lady Di foi na época dela. Os noivos estavam radiantes, com um brilho no olhar e sorrisos de orelha a orelha.

Maria da Conceição e Suíço convidaram Sabrina e Orlando para serem os padrinhos, que aceitaram prontamente. Também convidaram Valentina para ser daminha e o Valentino para ser pajem. Os gêmeos ficaram felicíssimos e muito honrados.

Dia do casamento. Foi num final de tarde. A cerimônia aconteceria ao ar livre. Os convidados iam chegando, todos lindos e arrumados. No altar, o noivo estava esperando com muita ansiedade.

Sabrina e Orlando eram os padrinhos, e estavam chiques no último. Valentina e Valentino também estavam muito elegantes. Eles todos pareciam da realeza.

E então, a cerimônia começou. Cortejo dos padrinhos. Sabrina e Orlando caminham em direção ao altar. Em seguida, Valentina e Valentino. Ela carregava uma cestinha de flores. Ele carregava as alianças dos noivos. E depois, o momento mais esperado. Maria da Conceição acompanhada por seu pai. A noivinha estava radiante.

- Dick Mertens, você aceita Maria da Conceição Accioli como sua legítima esposa? – pergunta o padre.

- Aceito. – respondeu Suíço.

- Maria da Conceição Accioli, você aceita Dick Mertens como seu legítimo esposo? – pergunta o padre.

- Aceito. – disse Maria da Conceição.

- Eu vos declaro marido e mulher. Podem se beijar. – disse o padre.

Maria da Conceição e Suíço se beijaram. O amor é lindo. Eles estavam oficialmente casados. Depois da cerimônia, teve um festão de arromba, com direito a muita dança. Era todo mundo dançando forró. No momento, estava tocando *Rindo à Toa*. E a música fazia jus ao momento. Estava todo mundo feliz, todo mundo rindo e se divertindo. Os pares que mais chamavam a atenção eram Maria da Conceição e Suíço, Sabrina e Orlando, e até Valentina e Valentino entraram na dança. Mas que todo

mundo estava balançando o esqueleto, isso estavam. Aquele era o dia mais feliz na vida de Suíço e de Maria da Conceição. Depois de idas e vindas e vários maus pedaços, finalmente eles estavam juntos definitivamente. Tudo porque seguiram seus corações, deixaram o orgulho de lado e usaram a medida do perdão. E agora, estavam vivenciando o amor.

Depois da festa, Maria da Conceição e Suíço foram passar a lua-de-mel em Campos do Jordão.

Capítulo 18

Soltando umas pérolas

Sabrina e Orlando estavam em aprendizado, pois os filhos não vêm com manual de instrução incluso. Mas para pais de primeira viagem, eles estavam indo muito bem. Valentina e Valentino consideravam Sabrina e Orlando como pais perfeitos, pais heróis. Apesar de ainda não ter acontecido o momento emocionante de eles chamarem a Sabrina de mãe e o Orlando de pai, não havia problema. Mais cedo ou mais tarde, isso aconteceria naturalmente e sem forção de barra.

Numa manhã, a família toda iria sair para passear em Americana. Eles iriam passar o dia lá, comprar umas roupas novas, passear bastante, enfim. As crianças estavam animadas. E já levantaram logo cedo. Sabrina e Orlando já tinham acordado antes. Valentina foi a primeira a se arrumar. Tomou banho, escolheu a roupa que ia usar, se arrumou, e tudo sozinha.

- Estou pronta. – disse Valentina.

- Bom dia, meu amor. Dormiu bem? Mas você está linda – disse Orlando.

- Obrigada. – disse Valentina – Eu me arrumei sozinha. Eu escolhi esse vestido.

- Nossa, que independente. Parabéns, meu amor. Você está linda. Estou muito orgulhosa de você. Mas o problema é que a gente vai demorar um pouquinho ainda para sair, e nós vamos tomar café da manhã primeiro. E você corre o risco de sujar o vestido bonito. Você não quer vestir outra roupa de ficar em casa, e depois voltar a colocar o vestido.

- Ah não. Deixa-me ficar com ele, mãe. Eu não vou sujar. Eu prometo. – disse Valentina.

- Olha só, Orlando. Ela se comporta como uma mocinha. Assegura que não vai sujar o vestido. Hei, espera um momento. Tininha, você me chamou de mãe! – disse Sabrina.

- É mesmo, ela te chamou de mãe. Que emoção! Esse momento vai ficar para a história.

- Nossa, eu nem percebi. É que você é a nossa mãe e o Orlando é o pai. Foi automático. – disse Valentina.

- Mas que linda. Ela fala bonito demais. – disse Sabrina.

- Assim como a mãe. – disse Orlando.

Momento memorável para Sabrina e Orlando.

- Cadê o seu irmão? – perguntou Orlando.

- Dormindo, o preguiçoso. – disse Valentina.

- Acho que vou lá acordar ele com jeitinho. – disse Sabrina. Ela foi até lá para acordar o Valentino.

- Valentino, acorda. Você precisa se arrumar para sair, meu bem. A sua irmã já acordou e está pronta. – disse Sabrina.

- Bom dia, mãe. Eu vou levantar agora. – disse Valentino.

- Valentino, você também me chamou de mãe! Que felicidade! – disse Sabrina.

- Lógico. Você é a minha mãe. – disse Valentino.

Valentino se levantou e foi para o banho.

- Gente, o Valentino também me chamou de mãe. Estou tão feliz! – disse Sabrina.

- É muita felicidade. – disse Orlando.

Todos prontos, eles tomaram café-da-manhã. Valentina, como havia prometido, não teve nenhum acidente que sujasse o seu vestido. Após a refeição, eles entraram no carro e saíram. Sim, agora eles tinham carro. Meio velho e antigo, mas tinham. Sabrina e Orlando julgavam necessário ter um carro próprio, visto que agora tinham dois filhos. Agora quando Sabrina e Orlando iam

para a faculdade, eles iam no ônibus dos estudantes, e não pagavam nada.

Sabrina, Orlando, Valentino e Valentina passaram o dia inteiro em Americana. Passearam em um monte de lugares legais, compraram roupas e sapatos novos, almoçaram no restaurante, foram ao cinema e terminaram a tarde na sorveteria tomando sorvete com Coca-Cola. E as crianças aproveitaram para mais de suas pérolas. Na hora de abrir o refrigerante, sempre ouve-se aquele som característico.

- A Coca-Cola está soltando pum! – disse Valentina, chamando bastante atenção.

- Ô louco, meu. – disse Valentino, rindo.

Sabrina e Orlando desataram-se a rir. Valentina e Valentino riam às gargalhadas.

- Essa foi engraçada. A melhor de todas. – disse Orlando.

- Você é uma comédia, Tininha. – disse Sabrina.

- Imagina, só falei verdades. Mas cá pra nós, não parece mesmo que ela está fazendo aquilo? – disse Valentina.

- Nada a ver. – disse Valentino, rindo.

- Lembra sim. – disse Sabrina, rindo.

- Nunca parei para pensar nisso, mas agora que a Tininha falou, faz sentido. – disse Orlando, rindo.

Foi uma tarde muito agradável e repleta de boas gargalhadas. Aquele dia foi perfeito. Valentina e Valentino passaram a chamar Sabrina de mãe e Orlando de pai. Eles chegaram em casa lá para de noite.

- Temos uma música para o momento. *Alegria, Alegria*, de Caetano Veloso. – disse Sabrina.

- *Eu tomo uma Coca-Cola. Ela pensa em casamento.* – cantavam todos.

- Sempre encontramos as músicas para cada momento. Lembrei-me daquele dia na escola, quando cantamos *A Louca* pra Isaura. E no final para ironizar cantamos um pedaço da música *Ao Mestre com Carinho*. – disse Orlando.

Em outro dia desses, as crianças soltaram mais de suas pérolas. Em Reduto havia falecido uma senhorinha bem idosa, uma das pioneiras do vilarejo e mãe de uma colega de trabalho de Sabrina e Orlando. A cidade decretou luto oficial. Fechou escola, fechou posto de saúde, fechou tudo. Em cada estabelecimento da cidade, tinha um papel preto colado na porta. Um dia fatídico. Todos foram ao velório prestar suas homenagens

póstumas e se despedir daquela pessoa tão querida pelo povo. Sabrina e Orlando marcaram presença, logicamente, pois se tratava da mãe da colega deles. Valentina e Valentino também foram. A cidade inteira estava vestida de preto. Clima fúnebre, muitos chorando, principalmente a filha da falecida. Valentina e Valentino estavam presenciando um velório pela primeira vez na vida, mas se comportaram muito bem. Mas ficavam bem curiosos com algumas coisas.

- Ô pai, por que eles colocaram algodão no nariz dela? – perguntou Valentino, bem discretamente, quase cochichando.

- Para evitar o vazamento de fluídos corporais. – respondeu Orlando.

Os Barreto-Teles não ficaram todas as horas do velório lá, eles foram para a casa. Mais tarde, eles passaram lá para acompanhar o enterro. A filha da falecida passou mal, subiu a pressão lá, deu um piti-piri nela, um piripaque. Sabrina, como auxiliar de enfermagem, aferiu a pressão arterial dela e deu toda a assistência necessária. Algumas pessoas não foram ver o enterro. Sabrina por exemplo, resolveu ficar. Nem a própria filha da mulher foi ver o enterro, pois estava abalada demais para uma cena dessas. Orlando foi ao cemitério, pois Valentina e Valentino quiseram ver o

enterro. Criança nessa idade costuma ser bastante curiosa.

E assim foi. Passado o período de luto, a filha da senhorinha procurava superar a perda. Ainda falava soluçando muito, mas ia levando a vida.

A pérola das crianças se deu o seguinte. Numa dessas tardes, Valentina e Valentino receberam uns amiguinhos para brincar na casa deles. Eles todos eram crianças muito sociáveis, que adoravam brincar juntas e se divertirem. Naquela tarde, estavam todos brincando na varanda de casa. Uma brincadeira muito curiosa. Na brincadeira, uma das bonecas de Valentina havia falecido, e eles estavam fazendo o velório dela. Todo mundo estava fingindo que estava chorando de verdade, e teve até culto fúnebre.

Sabrina e Orlando estavam estudando na sala de estar, e ficaram curiosos sem saber o que se passavam. Uma choradeira vinda de fora.

- Será que alguém se machucou? Precisamos ir lá para ver. – disse Sabrina.

- Mas espera um pouco, eles estão cantando uns hinos lá. Agora fiquei curioso. Que brincadeira é essa? – disse Orlando.

Sabrina e Orlando foram lá ver a brincadeira das crianças.

- Posso saber que choradeira é essa? – disse Sabrina.

- Nada não, mãe. É que a boneca da Valentina morreu e estamos brincando de velório. – disse Valentino.

- Estamos fazendo um culto fúnebre. – disse Valentina.

Sabrina e Orlando começaram a rir, porque acharam muito engraçado.

- Mas vocês crianças tem uma mente muito criativa mesmo para inventar brincadeiras. Ai, ai, ai. – disse Orlando, rindo.

- Mas vejam se terminem logo esse velório. Não é muito saudável brincar de coisas fúnebres. Vamos manear aí. Vocês têm que brincar de coisas alegres. – disse Sabrina.

- Sim, sim. Já vamos terminar. – disse Valentina.

E assim foi. Mas também, eles brincaram de velório só aquela vez e nunca mais. Há brincadeiras bem melhores, mais divertidas e bem mais saudáveis. Mas que foi engraçado, isso foi.

- É porque eles nunca tinham ido a um velório antes. Aí ficaram admirados. – disse Orlando.

- Isso é normal na infância. A curiosidade nessa fase da vida é bastante aguçada. – disse Sabrina.

- Mas cá pra nós, aquele dia lá da Coca-Cola foi impagável. – disse Orlando.

- Bota impagável nisso. Vou rir disso a vida toda. – disse Sabrina.

Capítulo 19

Canudo na mão

Os anos de faculdade iam passando. Os filhos de Sabrina e Orlando iam crescendo. Cinco anos se passaram. Sabrina e Orlando já tinham vinte e cinco anos de idade. Tanto Sabrina quanto Orlando estavam para se formar em seus respectivos cursos. Valentina e Valentino estavam com onze anos de idade. Já eram uma moça e um rapaz. Meninos muito inteligentes, talentosos, educados, polidos. Sabrina e Orlando deram uma educação britânica para eles.

Na reta final da faculdade, Valentina e Valentino já iam com seus pais para a faculdade à noite, visto que já eram crecidinhos. Enquanto seus pais estudavam, eles ficavam no pátio da faculdade brincando juntos ou fazendo desenhos muito bonitos e bem coloridos.

Durante os dias que antecederam o final de seus cursos, Sabrina e Orlando subiam pelas paredes por conta do TCC. Mas eles fizeram trabalhos muito bons e estudaram bastante para apresentar lindamente seus respectivos trabalhos de conclusão de curso. E eles conseguiram. Fizeram excelentes apresentações, e foram aprovados. Tanto Sabrina quanto Orlando concluíram seus cursos com êxito. Primeiro aconteceu a colação de

grau dos formandos de Enfermagem, onde Sabrina foi a oradora. Poucos dias depois, a dos formandos de Biomedicina. E por coincidência, Orlando foi o orador da turma dele.

Agora finalmente eles estavam formados. Curso superior. Tudo de bom. Uma conquista e tanto para a vida deles. Agora eles iriam trabalhar na profissão deles, ganhando salários bem mais gordos e fazendo o que mais gostavam. E Sabrina começou a sua pós-graduação em Ginecologia e Obstetrícia. Em um ano, ela concluiu. E já podia ser considerada Enfermeira Obstetra.

Capítulo 20

Indo embora de Reduto

Os Barreto-Teles não pretendiam passar a vida inteira em Reduto. Aquele vilarejo foi muito acolhedor no momento em que eles mais precisavam. Foi em Reduto que Sabrina se reergueu como pessoa e resgatou sua dignidade. Foi em Reduto que Orlando foi ajudado por Sabrina anos mais tarde. Em Reduto, Sabrina e Orlando saíram da zona da amizade e declararam o amor que sentiam pelo outro. Enfim, momentos mágicos e incríveis aconteceram naquela cidade. Mas a família Barreto-Teles sonhava em alçar voos mais altos. Eles tinham o sonho de ir morar na Inglaterra. Durante muitos anos, eles trabalharam nesse projeto de vida. Aprenderam inglês, fizeram uma poupança, se informaram acerca de todos os trâmites necessários de legalização.

Sabrina, Orlando, Valentina e Valentino estavam muito entusiasmados. Mas eles não seriam os únicos a irem embora de Reduto. Maria da Conceição e Suíço eram outros que pretendiam ir também. Eles morariam na Suíça. Depois de muitos anos em solo tupiniquim, Suíço iria voltar para sua terra, e levando consigo uma brasileira do estado de São Paulo.

No momento certo, todo o vilarejo de Reduto soube da partida dessas pessoas. Tanto os Barreto-Teles quanto Maria da Conceição e Suíço iriam deixar muita saudade. Mas nada de drama. Todos eles prometeram voltar para passear em Reduto sempre que fosse possível. Rolou até um festão de despedida para eles. Se despedir chorando era algo tão piegas e meloso, e todos concordavam isso. Reduto inteiro organizou uma festança com muita dança pra fazer todo mundo levantar a poeira. Diversão ao extremo.

Primeiro, partiram Maria da Conceição e Suíço. Eles iriam para a Suíça naquela semana.

- Na Europa tudo é perto. Com certeza nós vamos visitar vocês muito lá na Suíça. E vejam se aparecem na Inglaterra para nos ver também. – disse Sabrina.

- Com certeza. Vamos nos ver muito ainda. – disse Maria da Conceição.

- Para qual cidade da Suíça vocês vão mesmo? – perguntou Orlando.

- Genebra. – respondeu Suíço – Eu sou da Suíça Francesa.

- Muito bem. Genebra é uma cidade muito bonita. Sim, você é da Suíça Francesa. Esse Mertens no seu sobrenome denuncia. – disse Sabrina.

A trajetória

- Mal posso esperar para conhecer a terra do meu amor. E mais, eu também vou virar suíça. Acho que com meses vivendo lá, quando eu for precisar falar português, vai ser com sotaque francófono. – disse Maria da Conceição.

- E eu na Inglaterra vou me tornar uma britânica cheia de pose. – disse Sabrina.

- Isso você já é faz tempo, mesmo não tendo ido pra lá ainda – disse Orlando.

- E os meninos? Estão entusiasmados para ir morar em Londres? – perguntou Suíço.

- Com certeza. Eles estão como aloprados pelos cantos da casa acertando todos os detalhes da viagem, e praticando a conversação em inglês. Orlando e eu também. Aqui em casa, estamos falando em inglês entre nós para exercitar. – disse Sabrina.

- Já faz algum tempo que a gente está aprendendo inglês. Tipo, tem o inglês que eles ensinam na escola. Muito bom, aprende-se. Mas aprendemos mais fora da escola, pesquisando em outras fontes e praticando, logicamente. – disse Valentina.

- Vai ser muito fera lá em Londres. Vale lembrar, pessoal, que lá o volante do carro é do outro lado. – disse Valentino.

- Muita gente se esquece disso. Mas é normal. – disse Valentina.

- Queremos ver se vocês estão afiados no inglês. Falem alguma coisa. – disse Suíço.

Valentina e Valentino puseram-se a falar inglês desenfreadamente, como dois nativos britânicos.

- Que lindo eles falando inglês. Parecem gringos. – disse Maria da Conceição.

E assim foi. Maria da Conceição e Suíço se mudaram para Genebra. E estavam vivendo muito bem lá na Suíça. Maria da Conceição amou tudo aquilo, e foi possível comprovar que lá se fazia o melhor chocolate, o melhor queijo e os melhores relógios. E Suíço, estava matando a saudade de sua terra depois de anos longe. E o melhor de tudo, é que os dois se amavam muito e estavam vivendo juntos em um lugar lindo. Ah, e só para constar, lá na Suíça ninguém mais chamava o Suíço de Suíço. Agora era só Dick, ou Senhor Mertens. E Maria da Conceição passara a ser a Senhora Mertens.

Alguns dias depois, finalmente chegou o dia da partida dos Barreto-Teles. A primeira etapa foi no dia anterior, quando eles saíram de Reduto e foram para Americana. Lá, eles ficaram no hotel para na madrugada tomarem um ônibus para Campinas. Lá em Campinas,

eles tomariam um voo no Viracopos para São Paulo, e de São Paulo para Londres.

Dia da viagem. Duas horas da madrugada. Sabrina e Orlando acordaram Valentina e Valentino, que prontamente se levantaram. Acordar de madrugada não é das melhores coisas, mas quando se trata de viajar para um lugar onde se almeja ir, era outras conversas. Valentina e Valentino nem pestanejaram, eles despertaram na hora e cada um em sua vez foi tomar banho e se arrumar.

Todo mundo se arrumou. Estavam todos lindos, como príncipes e princesas. E felizes demais. O friozinho na barriga estava predominando em todo mundo. Todos prontos, eles foram para o terminal rodoviário.

- Eu amo viajar de madrugada. – disse Valentina.

- Eu também. Um dos melhores horários. – disse Valentino.

- Tenho que concordar com vocês. – disse Orlando.

- São vários fatores que contribuem para isso. O friozinho é o primeiro. E também tem o fato daquela ansiedade, o entusiasmo e dá pra dormir confortavelmente durante a viagem. E a madrugada tem uma atmosfera muito boa para viajar. – disse Sabrina.

Então o ônibus chegou. Após apresentarem suas passagens para o cobrador e colocarem as bagagens grandes no bagageiro, todos entraram e procuraram seus respectivos assentos. Assim que encontraram, se acomodaram nas poltronas. Sabrina e Orlando sentaram-se juntos. Valentina e Valentino também.

- A janela é minha. – disse Valentina.

- Tudo bem, maninha. – disse Valentino.

O ônibus partiu de Americana. Valentina e Valentino resolveram dormir. Enquanto isso, Sabrina e Orlando conversavam em voz baixa, pois era de madrugada.

- Estou feliz. Finalmente estamos realizando nosso sonho em comum. – disse Sabrina.

- A Inglaterra nos reserva boas experiências. – disse Orlando.

- Campinas fica perto de Americana. Não vou nem dormir. – disse Sabrina.

- Está com medo de passar de cidade? – perguntou Orlando.

- Estou. – respondeu Sabrina.

- Não precisa se preocupar. Durma um pouco. Eu vou ficar acordado. – disse Orlando.

- Obrigada, meu bem. – disse Sabrina. Ela colocou suas pernas em cima do colo dele, reclinou a poltrona e acabou pegando no sono. Orlando ficou admirando sua amada, simpática até mesmo dormindo. Mesmo com seis anos de casamento, a paixão era como se fosse no início do namoro deles.

Algun tempinho depois, o ônibus chegou em Campinas. Os passageiros que desceriam lá desceram. Sabrina, Orlando, Valentina e Valentino foram tomar um taxi para Viracopos. Lá, eles tomaram o voo para São Paulo. Foi emocionante para todos voarem pela primeira vez na vida.

- O primeiro voo, a gente nunca esquece. – disse Valentino.

- As minhas considerações iniciais é que eu estou bastante entusiasmada. – disse Valentina.

- Viajar de avião pela primeira vez é emocionante. – disse Sabrina.

- Voando pela primeira vez aos vinte e seis anos de idade. – disse Orlando.

- E no nosso caso, aos doze anos de idade. – disse Valentino.

Cintos de segurança afivelados, o avião estava pronto para decolar. Quando o avião ganhou os ares, foi uma emoção para os Barreto-Teles.

- Está voando. – disse Valentino.

- Muito fera, cara. – disse Valentina.

- Valeu a pena essa espera de vinte e seis anos. Que emoção. Chega quer escorrer um suor hetero do meu olho. Tô brincando. – disse Sabrina, rindo.

- Suor hetero. Estou só rindo aqui. Nem nos ares você perde a piada. – disse Orlando, rindo.

Valentino e Valentina também riram.

- Ô mãe, pelo que eu saiba, é homem que usa essa expressão. – disse Valentino.

- Eu sei. Falei só pra tirar o sarro mesmo. – disse Sabrina, rindo.

Eles aproveitaram para dormir mais um pouco durante o voo.

Algun tempo depois, o avião aterrissou. Não foi um pouso bonito, aterrissou meio abruptamente.

- Sério mesmo que a aeronave fez catrapo? – disse Sabrina.

A trajetória

- Fiquei até assustada. Mas foi só a aterrissagem que foi meio abrupta. – disse Valentina, suspirando para se acalmar.

- O piloto deve ser meio inexperiente. É normal. – disse Orlando.

- Presenciei um catrapo na primeira vez viajando de avião. Que legal. – disse Valentino.

Em São Paulo, eles ficaram esperando dar a hora do embarque. Aproveitaram e tiraram inúmeras fotos, que ficaram muito bonitas. Eles eram todos bem fotogênicos, e ainda por cima estavam bem vestidos. Parecia uma família de celebridades, ou realezas.

Então o momento do embarque. Agora era o voo internacional para Londres.

- Londres, aí vamos nós. – disse Valentina.

- Isso tudo está pedindo um selfie. Junta todo mundo. – disse Sabrina.

- Digam queijo em inglês. – disse Orlando.

Todos sorriram. A foto ficou ótima.

- Posta no Facebook com as hashtags “Partiu Londres” e “Inglaterra promete”. – disse Valentino.

E então, os Barreto-Teles saíram de solo brasileiro e ganharam os ares rumo a Inglaterra. Foi uma viagem bastante agradável e confortável.

Depois de várias horas de viagem, os Barreto-Teles finalmente aterrissaram em solo britânico. Já era noite no horário local. Sabrina, Orlando, Valentina e Valentino ficaram maravilhados ao ver tudo aquilo pessoalmente. No táxi, no caminho para a casa, eles admiravam a paisagem urbana de Londres, e tudo o que tinha de bonito lá.

- É lindo. Muito mais bonita pessoalmente. – disse Sabrina.

- Realmente incrível. – disse Orlando.

- Não acredito que estou em Londres. É muita felicidade. – disse Valentina.

Valentino ficou tirando foto dos lugares pela janela do carro. Alguns minutos depois, eles finalmente chegaram ao apartamento deles.

- Lar doce lar. – disse Sabrina.

- Nossa casa em Londres. – disse Orlando.

- Gostei desse apartamento. – disse Valentina.

- Também gostei. – disse Valentino.

A trajetória

E assim foi. Depois de uma viagem comprida, todos foram dormir. Tiveram uma excelente noite de sono em Londres.

Capítulo 21

A vida inglesa dos Barreto-Teles

Sabrina, Orlando, Valentina e Valentino estavam amando viver em Londres. E constataram pessoalmente que não era nada daquilo que se ouvia dizer dos estereótipos que colocavam na Inglaterra e nos ingleses. Eles estavam se dando muito bem lá. Sabrina e Orlando trabalhavam em suas respectivas profissões, e estavam muito realizados. Na escola, Valentina e Valentino também estavam indo bem. Quando as aulas começaram, eles se adaptaram muito bem. Fizeram amizades, ganharam a admiração dos professores, tiravam sempre excelentes notas, e se divertiam muito.

Em família, todos curtiam a vida e passeavam bastante para vários lugares turísticos. Eles estavam bastante adaptados ao lugar e não encontraram dificuldades. Eles eram praticamente britânicos. Eram metade brasileiros e metade britânicos.

O mais bonito nessa história de vida, é que Sabrina e Orlando, mesmo diante das dificuldades, mesmo quando tudo conspirava contra, mesmo quando aparentava não haver esperança para eles, eles foram lá e conseguiram. Começaram fugidos de uma instituição onde sofriam maus-tratos, viveram nas ruas sem

expectativa nenhuma, foram separados pelo destino quando Sabrina foi presa injustamente. Mas as dificuldades foram o combustível e o impulso que eles precisavam para se mover adiante. Pensar grande, fazer grande. Começando de baixo, começando pelo alicerce. Sabrina se reergueu primeiro, seus sonhos e aspirações a fizeram vencer. E depois, ela resgatou Orlando, que estava totalmente sem esperança de vida, em um lamentável estado de aceitação e acomodação na mediocridade. Ela tirou-o da rua e o ajudou a se reerguer e a melhorar como pessoa. Juntos, eles traçaram um caminho em busca de se melhorarem como pessoas e como profissionais. Através do estudo, que é o grande libertador que resgata as pessoas da mediocridade onde se encontram. Com sabedoria, trabalhando, poupando, planejando e estudando. Não permitiram de maneira alguma que algum terceiro roubasse seus projetos de vida. E nem tampouco se fizeram de vítimas e de coitadinhos. Eles foram lá, lutaram, foram conquistando uma etapa de cada vez, venceram o preconceito e calaram a boca de muita gente que não dava nada por eles. E nesse ínterim, eles fizeram justiça em prol das crianças que viviam na instituição de onde vieram. E lá, eles conheceram Valentina e Valentino, que se tornaram filhos deles. Sabrina, Orlando, Valentina e Valentino consistiam em uma família muito unida, feliz e abençoada por Deus. Sabrina e Orlando tinham um casamento sólido, com muito amor e felicidade, e dois filhos lindos

que estavam crescendo de maneira muito bonita. E todos eles juntos venceram na vida, e agora eles desfrutavam da recompensa de todo o esforço feito.

E não parou simplesmente por aí. Veio mais surpresa ainda para eles. Os Barreto-Teles, como toda a gente normal que se preze, também faziam suas apostas na loteria. Mas era tipo, igual Tomé. Enquanto os outros sonhavam com convicção que iam ganhar na loteria, os Barreto-Teles apostavam por apostar mesmo, incredulamente. E não apostavam religiosamente toda hora, era só uma vez ou outra. Sabiam que com os outros poderia acontecer, mas nunca com eles. Para eles tanto fazia. Mas a sorte iria conspirar a favor deles.

Naquela semana, os Barreto-Teles fizeram uma aposta no Euromilhões. Era dia da transmissão do sorteio na televisão. Juntou todo mundo na frente da televisão. Estavam esperançosos, porém incrédulos. Afinal, era só um jogo, só um sorteio.

- Começou a transmissão diretamente de Paris. Fortes emoções para quem ganhar. Isso é, se alguém ganhar. – disse Valentina.

- Se alguém ganhar, mais cedo ou mais tarde aparecerá o felizardo. – disse Orlando.

- Quem ganha nessas coisas certamente nasceu com a bunda virada pra lua. – disse Sabrina.

- Só pode ser isso mesmo. – disse Valentino, rindo.

Mas a vida lhes prepara uma surpresa bastante agradável. Eles ganharam no Euromilhões. Cinquenta milhões de euros.

- O quê? O quê? É isso mesmo, produção? A gente ganhou! Não creio! Nós ganhamos no Euromilhões! – disse Sabrina, comemorando de felicidade.

- Nunca pensei que poderíamos vencer. Isso é incrível! Estamos ricos! – disse Orlando.

- Pode vibrar! Pode comemorar! – disse Valentino.

- Somos milionários! Solta foguete! – disse Valentina.

Os quatro pularam de felicidade. Era felicidade demais. Ah, eles ficaram rindo à toa. Depois de muitos apertos na vida, a sorte mudou e eles finalmente foram grandemente recompensados.

Os Barreto-Teles compraram uma bonita e confortável casa em Londres, uma fazenda no interior, um carro chique, entre outras coisas. Mas também guardaram o restante do dinheiro (e era muito, mas muito dinheiro), que na conta bancária rendia juros. Sabrina, Orlando, Valentina e Valentino estavam vivendo uma vida bem mais confortável, todo mundo andando chique e bem arrumado. Eles também viajaram para muitos lugares,

conheceram vários países, aproveitaram a vida intensamente com tudo o que ela tinha de melhor a oferecer. Mas mesmo ricos, eles não perderam a essência original deles. Nunca lhes subiu à cabeça. Eles continuavam sendo as mesmas pessoas maravilhosas de sempre.

Sabrina e Orlando dariam uma festança na fazenda para comemorar o aniversário de casamento deles. Bodas de lã, sete anos de um casamento muito feliz. Eles convidaram vários amigos. Tanto os amigos ingleses, quanto alguns amigos brasileiros de Reduto. Maria da Conceição e Suíço também marcaram presença na festa. Vieram de Genebra para celebrar com seus melhores amigos. Depois de um tempo sem se ver, o reencontro foi bem emocionante. Sabrina, Orlando, Valentina e Valentino foram busca-los no aeroporto.

- Maria da Conceição e Dick Mertens! Quanto tempo! – disse Sabrina.

- Fala Suíço. Lá na Suíça ninguém te chama de Suíço. – disse Orlando.

- É até meio estranho. Nem a Concessa me chama de Suíço. Ela me chama assim só pros outros. – disse Suíço.

- Mas aqui na Inglaterra ele pode ser chamado de Suíço. Ou *Swiss*, em inglês. – disse Valentina.

- Deu certo. – disse Valentino.

- Veja só que rumo nossas vidas tomaram. Nós em Genebra, vocês em Londres. Parece que foi ontem que estávamos todos em Reduto. – disse Maria da Conceição.

- Pois é. Nossas vidas tiveram uma virada radical. – disse Sabrina

- Mas os filhos de vocês estão enormes. Vocês deram fermento a eles ou o quê? – disse Suíço.

- Filhos crescem em tempo recorde. – disse Orlando.

- Em um ano crescemos tanto assim? Bom saber. – disse Valentina, sorrindo.

- Que legal, eu estou virando homem. Eu já possuo barba. – disse Valentino.

- Sonha, Valentino. Isso daí que você tem na cara se chama penugem. Eu sim tenho barba. Você não. – disse Orlando, rindo.

Todo mundo riu.

- Chora não, Valentino. Sua hora ainda chega. É só uma questão do velo se transformar em pelo terminal. – disse Valentina.

- A Tininha está por dentro dos termos técnicos. Que inteligente. – disse Maria da Conceição.

- Ela e o Valentino são os crânios da casa. – disse Sabrina.

- Obrigada pela parte que nos toca. – disse Valentina.

Eles viajaram direto para a fazenda, já que a festa seria lá. Os amigos passaram a viagem inteira conversando, colocando as novidades em dia, contando piadas e rindo litros. Algum tempo depois, eles finalmente chegaram à propriedade rural dos Barreto-Teles, que ficava no interior da Inglaterra. Um lugar muito bonito.

- Que fazenda linda. – disse Maria da Conceição.

- Concordo plenamente. Um ótimo lugar para os dias em que procuramos uma alternativa para a agitação da cidade grande. – disse Suíço.

- Eu amo esse lugar. Lógico que para morar, eu prefiro mil vezes a cidade grande. A fazenda é ideal para passar uma temporada, um feriado, uns dias. – disse Sabrina.

- Todos nós somos bastante urbanos. Mas também sentimos vontade de passar uns dias no campo de vez em quando. – disse Orlando.

- Até a pessoa mais urbana do mundo sente necessidade de ir passear no campo às vezes. Mas agora morar na fazenda direto, eu não gostaria. Certamente eu ficaria bastante entediada. – disse Valentina.

- Posso dizer o mesmo. Calmaria todo dia se torna monótono. – disse Valentino.

- Andei observando que os meninos estão com sotaque britânico. Sério mesmo, vocês já viraram ingleses? – disse Maria da Conceição.

- Nossa, estamos tão entrosados com a Inglaterra que quando vamos falar português, é com sotaque. – disse Valentino.

- Pois é. Virou automático, pois falamos inglês na maior parte do tempo. Só de vez em quando falamos em português entre nós. – disse Valentina.

Os hóspedes foram devidamente acomodados em um dos quartos da casa. Valentino e Valentina foram cavalgar pela fazenda.

Sabrina e Orlando estavam acertando os detalhes finais da festa. Tinha tudo para ser um festão dos bons à moda brasileira. E uma festa muito chique e refinada, mas também com muita agitação e muita dança, do jeito que eles gostavam.

Quatro da tarde. Todos se arrumavam para a festa. Todo mundo vestido a caráter, só na elegância. Roupas das mais chiques, cabelos arrumados, perfumes muito cheirosos, as mulheres com lindas maquiagens e unhas bem feitas.

Os convidados iam chegando. Tanto os da Inglaterra, quando alguns que vieram de Reduto. Sabrina e Orlando recebiam os convidados. Valentina e Valentino estavam aproveitando a festa e conversando com os amigos. Os amigos que vieram de Reduto mataram a saudade do Senhor e da Senhora Teles e colocaram a conversa em dia. O mais emocionante foi o fato de que havia um certo número de crianças presentes naquela festa. E todas foram abraçar a Sabrina.

- Nossas mães nos disseram que você nos trouxe ao mundo. Gostaríamos de agradecer pessoalmente. – disse uma delas, em nome de todas. Eram crianças na faixa etária de sete a três anos de idade. E detalhe: eram somente algumas. Muitas delas não puderam comparecer à festa. Foi emocionante para Sabrina. Ver as crianças que vieram ao mundo através de suas mãos. Ela se sentiu orgulhosa e muito honrada.

- Não creio. Eram todos uns bebês muito fofinhos, e veja só. Estão crescidos. Umas moças e uns rapazes. O tempo passa. Isso é recompensador. – disse Sabrina, muito feliz.

A trajetória

- Meu amor, parabéns. Sou suspeito para falar, mas você é a melhor obstetra do mundo. – disse Orlando.

- Sem sombra de dúvidas. A Sabrina sempre foi autoridade no assunto. – disse uma das mães.

Valentina e Valentino presenciaram aquele momento incrível e recompensador.

- Nossa mãe é um exemplo. – disse Valentino.

- E pensar que ela ajudou a trazer todos esses meninos e meninas ao mundo. Nossa, é incrível. E depois de anos, essas crianças já crescidas agradecem pessoalmente. – disse Valentina.

A festa estava animada. Muita música dançante. Desde forró, passando por axé até música pop. Música estrangeira e música brasileira. Para fazer brazucas, britânicos e um suíço se desinibirem e dançar até o dia clarear.

Então, o momento mais importante da festa. A homenagem ao casal aniversariante. Orlando fez um pequeno discurso, que de tão bonito, não foi de maneira nenhuma chato. Como a maioria dos convidados falava inglês, Orlando falou em inglês e Valentino traduzia para o português. Então Orlando discursou:

- Primeiramente boa noite. Hoje é uma data especial onde Sabrina e eu comemoramos bodas de lã.

Sete anos de um casamento muito feliz. Mas nos conhecemos há treze anos. Numa ocasião não muito feliz para nós. Todos vocês conhecem a nossa trajetória, os desafios propostos pela vida que tivemos de enfrentar. E tudo começou a partir de uma amizade no início da adolescência, mas que acabou se tornando paixão, amor Eros. Porque com a gente não tem essa frescura de friendzone. Se a gente se ama de paixão, a gente dá certo e não estraga a amizade. O fato é que ainda na adolescência, o destino nos colocou em direções opostas. Mas tudo o que aconteceu na vida de Sabrina contribuiu para que ela mudasse de vida. E uns anos depois, nos reencontramos. Não nos reconhecemos de primeira. Eu estava um morador de rua irreconhecível em estado deplorável. Ela estava muito bonita, e aos dezenove anos ela estava bem diferente de quando tinha quatorze e uns centímetros a mais de altura. O fato é que a Sabrina me resgatou da situação lamentável na qual eu me encontrava, ela me deu guarida e ajudou a resgatar minha dignidade e autoestima. E a partir daí, ficamos unidos novamente. E traçamos juntos uma trajetória, passamos juntos pelas etapas. Vivemos muitas aventuras e ótimos momentos. Nos casamos, adotamos filhos lindos, que não foram gerados de nós, mas que foram gerados no nosso coração. Então surgiu o clã Barreto-Teles. Todos conhecem nossa trajetória na íntegra. E hoje, Sabrina e eu completamos sete anos de uma união

muito feliz. Posso dizer com convicção que eu sou casado com a mulher mais linda do mundo. Te amo, meu amor.

Aplausos. Foi um discurso lindo e emocionante.

- Eu também te amo, gato. Você é o amor da minha vida. – disse Sabrina.

- Um presente para você. – disse Orlando, entregando a Sabrina uma joia. Tratava-se de um colar com pingente de clave de sol.

- Amor, é lindo. Amei. – disse Sabrina.

- Como você toca violão, eu parti desse pressuposto no momento de escolher. Deixa eu colocar em você. – disse Orlando, colocando a joia no pescoço dela.

- Esse é o colar mais lindo que eu já vi. Muito obrigada, meu amor. – disse Sabrina. Ela e Orlando se beijaram.

As surpresas não pararam por aí. Valentina e Valentino também tinham presentes a dar.

- Consiste em quatro alianças, uma para cada um de nós. Representando a união da nossa família. – disse Valentino.

- A aliança do clã Barreto-Teles. Cada um vai ter a sua. – disse Valentina.

Então os quatro trocaram alianças. Valentino colocou em Sabrina e vice-versa. Valentina colocou em Orlando e vice-versa.

- Amei a homenagem. Um presente lindo. – disse Sabrina.

- A aliança dos Barreto-Teles. – disse Orlando.

Sabrina e Orlando foram cantar juntos.

- A dupla sertaneja aqui. Sempre encontramos uma música para cada ocasião que acontece. Isso sempre nos rendeu situações muito cômicas. Mas também em outros casos, nos rendeu situações românticas. – disse Orlando.

- Vamos agora cantar a nossa música. A trilha sonora da nossa vida. Quando começamos a namorar, no baile de formatura do Ensino Médio. – disse Sabrina.

O casalzinho fez a dupla, ambos tocando violão e cantando Colorir Papel.

Vamos ver o pôr do sol, me dê a mão. Uma estrela só não é constelação. Sem destino vamos juntos passear feito nuvens no céu. Derramar a tinta, colorir papel.

Todos os convidados aplaudiram a apresentação de Sabrina e Orlando.

E a festa continuou. Comidas gostosas em abundância, muita dança animada. Aí começou a tocar Quadrado do Patinho. Valentina e Valentino tomaram a iniciativa, e um grupo de pessoas também se juntaram para dançar em sincronia. Era uma música muito cômica e engraçada. Quem teve coragem entrou na dança. Os mais inibidos ficaram só olhando e rindo. Sabrina e Orlando ficaram super tímidos e não dançaram aquela dança. Mas riam as gargalhadas.

- Muito cômico. Essa música é hilária. – disse Sabrina.

- A música e a dança juntas, isso sim. – disse Orlando.

- *Ele gosta, ela gosta.* – cantou Sabrina, para brincar.

- E aí, você dançaria? – perguntou Orlando.

- Sei não hein. É muito engraçado, mas eu fiquei tímida agora. – disse Sabrina.

- Se você for, eu vou também. Vamos lá perder essa vergonha. – disse Orlando.

- Vamos lá então. Pagar mico de vez em quando faz bem. – disse Sabrina.

Então Sabrina e Orlando se desinibiram e também entraram na dança. Era todo mundo dançando e rindo simultaneamente. Foi muito divertido e engraçado. Aquela festa foi memorável. Todos dançaram até altas horas da madrugada. Se fosse para resumir tudo aquilo em uma palavra, essa palavra seria FELICIDADE.

Epílogo

Sabrina e Orlando tinham uma trajetória de vida muito bonita e uma inspiradora história de superação. Todos os viam como exemplo, como espelho. Partindo desse pressuposto, Sabrina e Orlando decidiram ajudar pessoas que passaram pelo que eles passaram, então fundaram uma ONG que beneficiasse moradores de rua. De maneira alguma seria entregar sopa de graça para eles. Era totalmente o oposto. A ONG se chamava O Sonho Não Pode Acabar, e fazia um trabalho social muito bonito, que consistia pegar os moradores de rua, dar um trato neles e reinseri-los na sociedade. Com base nas experiências passadas de Sabrina e Orlando, que foram moradores de rua, e principalmente Orlando, que permaneceu mais tempo como mendigo e quase foi fadado a viver na miséria para sempre. Mas Sabrina o reencontrou e o ajudou a se reerguer como ser humano. A ONG faria para os moradores de rua o mesmo que Sabrina fez para Orlando. Porque cada morador de rua tem a sua história de vida, tem os motivos que o levou a estar naquela situação, e tem sonhos. Sonhos estes, que aos olhos do próprio morador de rua e da própria sociedade, nunca iriam se realizar. Mas é mentira. Quando se tem um sonho, ele não pode acabar. O sonho precisa se tornar meta, que conseqüentemente precisa se tornar real. E na maioria das vezes, o estado de

indigência em que muitos se encontram é irreversível em virtude do próprio indigente, que perde a autoestima, perde a força de vontade, se acomoda, se acostuma com a mediocridade, deixa de acreditar em si mesmo e em seus potenciais. Partindo desses pressupostos, Sabrina e Orlando perceberam a necessidade de intervenção. Ajudar essas pessoas a enxergarem que o sonho delas não acabou, e que elas ainda podem vencer na vida, sair de uma vida da miséria, se reerguer como pessoas, resgatar a dignidade delas. Se Sabrina e Orlando conseguiram, outros também conseguem sem sombra de dúvida. Mas para isso, precisam de um apoio, de uma força, de uma base, de um empurrãozinho inicial. E a ONG era esse apoio para essas pessoas. E beneficiou um vasto número de pessoas. E milhões de moradores de rua se reergueram, e reescreveram a própria história. Cada um com sua história de superação, cada um com sua trajetória própria. Pessoas que antes estavam nas ruas, na miséria, marginalizados, vistos como a poluição de uma cidade. Mas eles não eram poluição, eles eram seres humanos. E por serem seres humanos, eles deram a volta por cima. Tiraram a sujeira dos corpos, vestiram roupa limpa, levantaram, voltaram para a escola, fizeram curso, conseguiram emprego, entraram na faculdade, conseguiram com o próprio esforço suas próprias casas onde pudessem viver em condições dignas de vida.

O trabalho social de Sabrina e Orlando ganhou notoriedade, não apenas no Reino Unido, como também no mundo inteiro. Dar sopa de graça e agasalho para mendigo muita gente faz. Agora resgatá-los da rua para reinseri-los de vez na sociedade, isso poucos fazem. E os que antes estavam maltrapilhos e jogados na rua, hoje são pessoas bonitas, apresentáveis, estudadas, trabalhadoras, morando dignamente, casaram, formaram família, fizeram amigos, enfim. Oportunidade de ser feliz e viver bem. Se Sabrina e Orlando conseguiram vencer, outros certamente também conseguem. É uma questão de acreditar.

Há um ditado popular que diz que caridade divulgada deixa de ser caridade. Mentira. Não interessa se você é rico, famoso, pobre ou anônimo. Fazendo o bem é o que interessa. Sabrina e Orlando nunca tiveram a pretensão de ganhar notoriedade e fama. A intenção deles era apenas ajudar pessoas que estão na mesma situação que eles já estiveram um dia no passado. Notoriedade foi só uma consequência. A recompensa que eles realmente buscavam era simplesmente presenciar os exemplos de superação daquelas pessoas e os desfechos felizes nas histórias delas.

Fim